

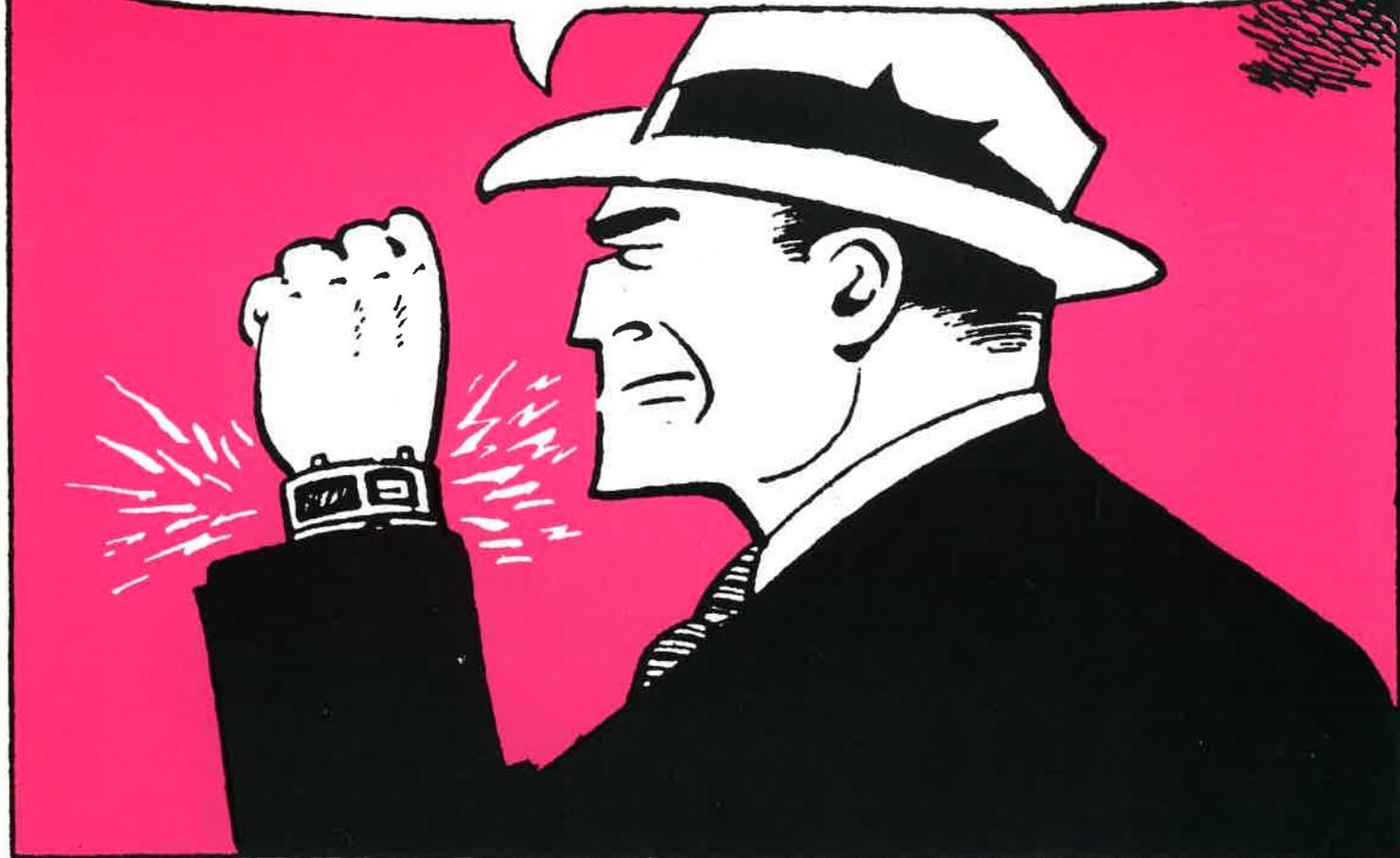
II SÉRIE Nº 14 MAIO 1978 Pr:15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

VIII CAMPEONATOS NACIONAIS DE PARTIDAS RÁPIDAS

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS E CLUBE
ATLÉTICO DE ALVALADE VENCEDORES
INDIVIDUAL E POR EQUIPAS



KARPOV E SPASSKY
vencem em Bugojno

NESTE NÚMERO: UM
ARTIGO DE A. SUETIN

REVISTA PORTUGUESA DE
xadrez

II SÉRIE - N.º 14 — MAIO 1978

(periodicidade mensal)

SUMÁRIO

- 23 Karpov e Spassky vencem em Bugojno
- 25 Uma Dama ou Duas Torres
- 26 IX Olimpíada por Correspondência: Portugal surpreende...
- 27 Nacional
- 28 Troca de galhardetes
- 30 «Nacional» de Rápidas
- 32 O «desperdício» da Abertura Portuguesa
- 33 O sistema Elo
- 34 Os novos sucessos de Anatoly Karpov
- 35 Ultramodernismo ou regresso ao romantismo?
- 36 Finais de peões
- 37 Secção de consulta
- 37 Soluções
- 38 O problema «simbólico»
- 40 Partidas recentes
- 40 Para resolver

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — **Sede da redacção e administração:** Rua da Sociedade Farmacéutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.
Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Pereira, Armando Aragão, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, José de Sousa, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirinó, Vítor Cardoso —

Colaboram neste número: Alexandre Rochal, Alexei Suetin, Leonor Pires, Rui Pereira — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos, Vladimiro Miranda — **Correspondentes:** Faria de Bastos, Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Rodrigo, José de Almeida.

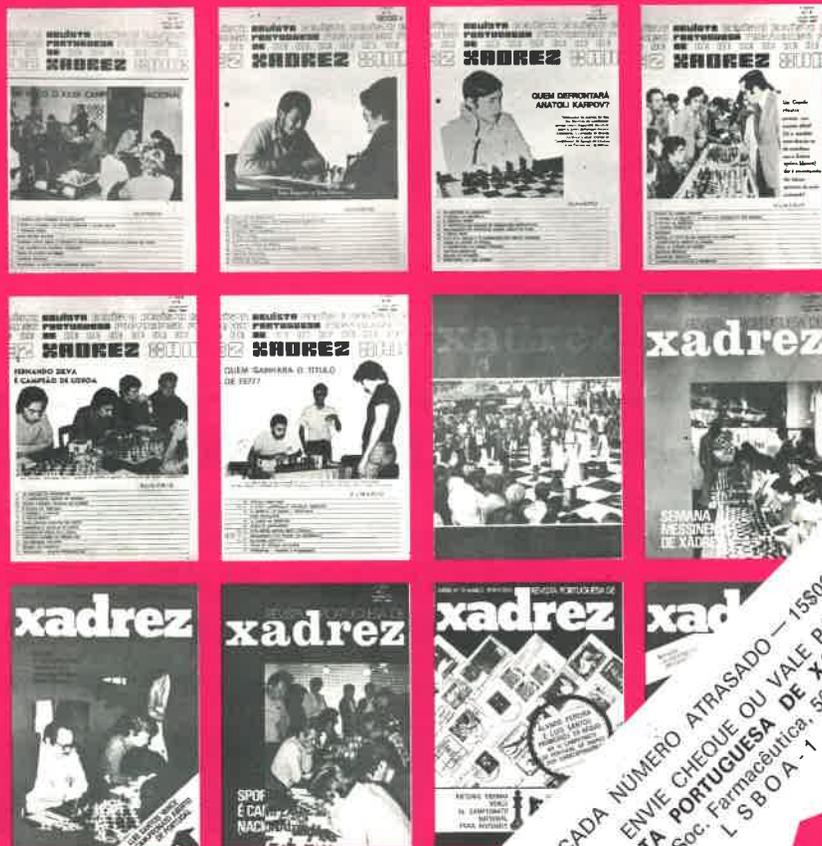
Administrador: Conçalo Leal

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freirinha, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** 150\$00.



CADA NÚMERO ATRASADO — 15\$00
ENVIE CHEQUE OU VALE PARA
REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ
R. Soc. Farmacéutica, 56-2.º
L S B O A - 1

No mundo do
xadrez preparam-se
os grandes
acontecimentos
Mais do que nunca,
você deve estar
informado

NÃO PERCA, NENHUM
DOS PRÓXIMOS NÚMEROS DA

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

assine-a

Karpov e Spassky vencem em Bugojno

16 dos mais fortes grandes-mestres da actualidade reúnem-se na pequena cidade jugoslava de Bugojno, onde, mais uma vez, a «chama eterna» brilha com invulgar fulgor, produzindo um espectáculo inesquecível

O desejo de ver reunidos num único torneio os maiores vultos do xadrez mundial pertence a todas as épocas e já deve certamente ter aflorado à mente de quase todos os xadrezistas, tal como quando éramos crianças e vivíamos as aventuras dos grandes heróis que povoavam os nossos sonhos infantis, magicando no momento em que finalmente todos eles se encontrariam na mesma história. Mandrake, David Crockett, Asterix, Zorro, James Bond, o Conde de Monte-Cristo, Sherlock Holmes, ou abreviando o fosso de gerações, El Cid, a Mafalda, heróis modernos e antigos, não viveriam no mesmo mundo que nós? Raras vezes as nossas fabulações infantis se concretizam. No cinema, que sabemos, os super-homens só se encontraram uma vez, no Grand-Hotel de Peter Sellers; no xadrez, algumas (raras) vezes: Capablanca e Alekhine viveram muitos anos em universos paralelos, tal como hoje Fischer e Karpov, que provavelmente nunca se encontrarão.

Por estranho que pareça, a ideia deste torneio germinou apenas no ano passado, e foi-se rapidamente concretizando. Falta apenas assegurar a presença dos grandes-mestres-mais. Robert Huebner veio dos Estados Unidos onde está a estudar há já alguns anos. Directamente de Reykjavik, onde jogaram, vieram Larsen e Miles. A presença de Spassky, radicado em Paris, só ficou assegurada à última hora.

Hort, também vindo de Reykjavik, só chegou no último momento. A velha guarda experimentada, alguns candidatos habituais dos ciclos para o campeonato do mundo, Portisch, Tal, Ivkov, Gligoric, Byrne; a nova geração dos mais fortes jogadores, onde pontificam Karpov, campeão mundial, Timman, Ljubojevic, Balashov, Miles; e os grandes-mestres locais, pouco pontuados, Bukic e Vukic, para completar o elenco. Só faltou Korchnoi (que se entreteve a «limpar» com autoridade um torneio em Israel). O árbitro principal: Miguel Najdorf, 68 anos, notável pela sua autoridade, popularidade e colorido, mantendo ainda a trinta e tal anos de distância, o record mundial de simultâneas às cegas: 45 tabuleiros!. Najdorf, solene no seu papel de árbitro, munido de um tabuleiro de bolso... porque não resistia a

fazer as suas análises. O palco estava montado para este grandioso espectáculo de xadrez, que o próprio Najdorf só achou comparável a Nova Iorque 1924 ou ao Torneio-Avro 1938, e a que a televisão jugoslava dedicou de uma hora de emissão diariamente.

Bugojno, 30.000 habitantes, estância no Adriático, assistiu assim a este torneio que militou na categoria 14 da FIDE com uma média de ELO dos seus participantes de 1588. Das 120 partidas jogadas, 49 tiveram desfecho positivo (para uns e negativo para outros) e 71 acabaram em empate. As brancas impuseram-se em 30 partidas e as pretas em 19. A percentagem de «efectividade» foi de 40,8 % contra 48,5 % em Milão 75, 44,5 % em Leningrad e 33 % em Tilburg. A jornada mais eficaz foi a 5.ª onde as brancas venceram 5 jogos, as pretas 1 e houve dois empates. A menos eficaz foi a 11.ª onde se verificou apenas uma vitória, curiosamente averbada por Tal que empatou 13 jogos e foi o único jogador a terminar imbatido. Aliás a luta pelos primeiros lugares esteve sempre muito animada. O torneio conheceu nada menos que 5 guias do princípio ao fim. O primeiro foi o grande-

-mestre holandês Jan Timman que venceu os dois primeiros jogos, depois a «candeia que vai à frente» passou para as mãos de Karpov que a cedeu a Spassky após ter sido derrotado por Timman (a sua sexta derrota em quatro anos). Spassky tendo perdido o primeiro jogo contra Ljubojevic, obteve 5 pontos da 2.ª à 7.ª jornada e não mais deixou o primeiro lugar, atingindo o seu jogo o brilhante nível de outros tempos, para o que não deve ter deixado de contribuir a sua «rodagem» nos candidatos. Refira-se que derrotou Bent Larsen em 21 lances que parece ser a sua «última privativa», dado que já é a terceira vez que perde com o soviético em cerca de 20 lances. Hort venceu três partidas seguidas e acompanhou Spassky no primeiro posto da 6.ª à 10.ª jornada. Da 5.ª à 9.ª Ljubojevic e Timman obtiveram 4 pontos de 5, o que lhes conferiu grandes possibilidades. Contudo, nas seis partidas finais o holandês fez pacíficos resultados e o jugoslavo apenas conseguiu 2,5 pontos. Karpov teve que fazer um grande sprint final para apanhar o seu compatriota, nada menos que 5 pontos de 7. O seu segredo, no dizer de Bronshtein é «desbobinar a abertura e depois andar com os peões para a frente e para trás até ganhar».

É claro que Bronshtein sabe que os peões não andam para trás!

Anatoly Karpov jogou, como habitualmente, repousado e seguro. Decerto encarou este «campeonato do mundo oficial» como um treino para o seu match com Korchnoi em que irá defender o título de campeão do mundo, não tendo ainda a intenção de economizar forças dado que o referido match apenas começará a 16 de Julho em Baguio nas Filipinas, a quase quatro meses de distância portanto. Segundo disse, o torneio era para si uma repetição.

Spassky, segundo declarou, fez uma



Karpov vs. Hort (do semanário 64)

das melhores actuações da sua carreira no mais forte torneio em que participou. Jan Timman, o jovem grande-mestre holandês, foi um grande animador do torneio, cometendo a proeza invulgar de derrotar o campeão do mundo numa partida brilhante. Com um começo de torneio muito agressivo (venceu as duas primeiras partidas, perdeu as duas seguintes, ganhou mais duas e só começou a empatar na 7.ª sessão), não fora uma segunda metade de prova bastante pacífica e teria podido vir a ser a grande sensação. Ljubojevic obteve uma boa classificação com um começo também fulgurante e uma ponta final de certo modo inferior (2,5 pontos em 6). De Tal esperar-se-ia um jogo mas empreendedor do que o reflectido por 13 meios-pontos. Embora nunca se pudesse pensar há alguns anos que ele viria a ser o rei dos empates, não deixa de ser notável terminar imbatido num torneio como este. Hort, que obteve uma posição satisfatória, explicava a razão dos seus insucessos últimos, queixando-se de Spassky com quem não se podia encontrar no mesmo torneio. A sua «alma negra» atravessava-se-lhe sempre no caminho. O 7.º lugar de Larsen reflecte algo que não vai bem, enquanto se pode dizer em favor de Balashov que adoeceu a meio do torneio, jogando com febre contra Timman numa partida que veio a perder no final após desfrutar de posição esmagadora. Huebner jogou pouco ambiciosamente, absorvido nos seus estudos pós-universitários. Até no restaurante estava embrenhado na leitura. Miles não conseguiu mais do que o 10.º lugar porque «não se pode ganhar sempre». Portisch terá sido a grande desilusão já que, após a sua brilhante vitória em Wijk aan Zee à frente de Korchnoi, se esperaria mais. A palavra para Mikhail Tal no semanário 64: «Posso testemunhar que o GM húngaro se aplicou muito (como sempre) só que não obteve muitos resultados disso (como por vezes). Cedo se tornou visível que Bukic, Vukic e Byrne não tinham estofo para uma coisa daquelas. E Bukic poderá quei-

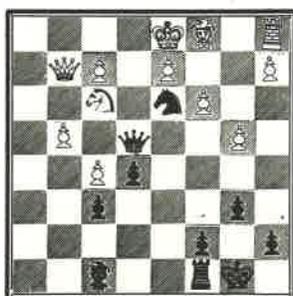
xar-se de pouca sorte dado que, no seu jogo contra Ljubojevic, tinha vantagem decisiva quando na folha de ambos os jogadores já estava anotado o lance 40.º tanto das brancas como das pretas. O tabuleiro mural também indicava que o lance de controle estava feito por ambos. Bukic poderia facilmente ganhar com um único lance qualquer, mas por segurança pensou cerca de 3 minutos. Quando realizou o lance a bandeira já tinha caído. E eis que se verifica um engano: O lance 40.º era precisamente aquele! É fácil imaginar a cara com que Bukic ficou. Gligoric, o simpático GM jugoslavo combatente da resistência anti-nazi no seu país, possível futuro presidente da FIDE no termo do mandato de Max Euwe, fez a pior prova da sua já longa carreira. O que, em torneios desta força, não destoa muito.

De Bugojno resta dizer que poderá constituir um novo ponto de referência no calendário xadrezístico mundial. Pensa-se na sua reedição ano sim ano não.

ÁLVARO FERNANDES
SOBREDA ANTUNES

BALASHOV-MILES
Gambito de Dama

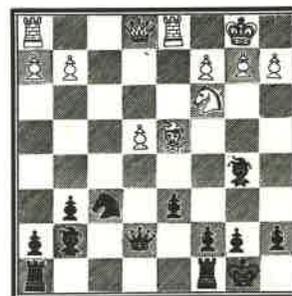
1. d4 d5 2. Cf3 Cf6 3. c4 dxc4 4. Cc3 a6 5. e4 b5 6. e5 Cd5 7. a4 Cxc3 8. bxc3 Dd5 9. g3 Be6 10. Bg2 Db7 11. 0-0 Bd5 12. e6 Bxe6 13. Cg5 Bd5 14. Bxd5 Dxd5 15. axb5 axb5 16. Txa8 Dxa8 17. Dg4 Cc6 18. Df3 f6 19. Ce6 Db7 20. Dd5 g5



21. Bf4 Bh6 22. Tø1 Db6 23. Cxc7+ Rf8 24. Te6 gxf4 25. Txc6 Db8 26. Ce6+ Re8 27. Tc7 Rf7 28. Cxf4+ Rf8 29. Dc5 1:0

MILES-LJUBOEJVIC
Gambito de Dama

1. c4 c5 2. Cf3 Cf6 3. Cc3 e6 4. e3 d5 5. d4 Cc6 6. cxd5 exd5 7. Be2 Bd6 8. 0-0 0-0 9. b3 cxd4 10. Cxd4 Cxd4 11. Dxd4 Tø8 12. Bb2 Be5 13. Dd2 Bg4 14. Bxg4



14... Bxh2+ 15. Rxh2 Cxg4+ 16. Rh3 Dg5 17. Dd4 Dh5+ 18. Rg3 Ch6 19. Th1 Cf5+ 20. Rf4 Dg6 21. Dxd5 Te6 22. Dxf5 Tf6 23. g4 Txf5+ 24. gxf5 Dg2 25. Taf1 g5+ 26. fxc5 fxc5 27. e4 Tf8+ 28. Re3 Df3+ 29. Rd2 Td8+ 30. Rc2 Dd3+ 31. Rc1 Tc8 32. Td1 Dxe4? 33. Td8+ Rg7 34. Td7+ Rf6 35. Thxh7 De1+ 36. Rc2 Dxf2+ 37. Rb1 Df1+ 38. Td1 Dg2 39. Cd5+ Rg5 40. Bf6+! 1:0

TIMMAN-KARPOV
Gambito de Dama

1. c4 e6 2. Cc3 d5 3. d4 Be7 4. cxd5 exd5 5. Bf4 Cf6 6. e3 0-0 7. Dc2 c6 8. Bd3 Te8 9. Cf3 Cbd7 10. 0-0-0 Cf8 11. h3 Be6 12. Rb1 Tc8 13. Cg5 b5 14. Be5 h6 15. Cxø6 Cxø6 16. g4 Cd7 17. h4 b4 18. Ce2 Bxh4 19. f4 c5 20. Ba6 Be7 21. Bxc8 Dxc8 22. Cg3 f6 23. Txxh6 Cef8 24. Th3 c4 25. Cf5 fxe5 26. fxe5 Dc6 27. Tdh1 Cg6 28. Cd6 Cdf8 29. Cxe8 Dxe8 30. Th5 Dc6 31. Df5 a5 32. e6 Dxe6 33. Dxd5 a4 34. Tc1 c3 35. bxc3 bxc3 36.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	Pts.
1.º Karpov	●	½	0	1	½	1	1	½	½	1	½	1	½	½	1	½	10
2.º Spassky	½	●	½	0	½	1	1	½	½	1	½	½	1	½	1	1	10
3.º Timman	1	½	●	½	½	½	0	1	1	½	0	1	½	½	1	½	9
4.º Ljubojevic	0	1	½	●	½	½	1	½	0	0	½	½	1	½	1	1	8 ½
5.º Tal	½	½	½	½	●	½	½	½	½	½	½	½	1	½	½	1	8 ½
6.º Hort	0	0	½	½	½	●	0	½	1	1	½	½	1	1	½	½	8
7.º Larsen	0	0	1	0	½	1	●	1	½	½	1	1	½	½	½	0	8
8.º Balashov	½	½	0	½	½	½	0	●	½	1	½	½	½	1	½	½	7 ½
9.º Hubner	½	½	0	1	½	0	½	½	●	½	½	1	½	0	½	1	7 ½
10.º Miels	0	0	½	1	½	0	½	0	½	●	½	½	½	1	½	1	7
11.º Ivko v	½	½	1	½	½	½	0	½	½	½	●	½	½	1	0	0	6 ½
12.º Portisch	0	½	0	½	½	½	0	½	0	½	½	●	½	1	½	1	6 ½
13.º Byrne	½	0	½	0	0	0	½	½	½	½	½	½	●	½	1	½	6
14.º Vukic M.	½	½	½	½	½	0	½	0	1	0	½	0	½	●	½	½	6
15.º Bukic E.	0	0	0	0	½	½	½	½	½	½	1	½	0	½	●	½	5 ½
16.º Gligoric	½	0	½	0	0	½	1	½	0	0	1	0	½	½	½	●	5 ½

Txc3 Dxd5 37. Txd5 Cc6 38. Rc2 Rf7 39. Ta5 Cg5 40. Tc6 Ce4 41. Txa4 Cf6 42. Ta7 Cd5 43. Txc6 Rxc6 44. e4 Cb4+ 45. Rb3 Bf8 46. Tb7 1:0

SPASSKY-LARSEN

Caro-Kann

1. e4 c6 2. d4 d5 3. Cc3 dxe4 4. Cxe4 Bf5 5. Cg3 Bg6 6. Cf3 Cd7 7. Bd3 Da5+ 8. Bd2 Dc7 9. Bxc6 hxc6 10. De2 e6 11. Ce4 0-0-0 12. g3 c5 13. Bf4 Dc6 14. 0-0-0 c4 15. Cc3 Ch6 16. d5 exd5 17. Txd5 Bc5 18. Thd1 f6 19. Td6 Bxd6 20. Txd6 Dc5 21. Td5! 1:0

HÜBNER-TIMMAN

Gambito de Dama

1. Cf3 Cf6 2. e4 e6 3. g3 d5 4. Bg2 Be7 5. 0-0 0-0 6. d4 b6 7. Cc3 Bb7 8. Ce5 Ca6 9. Bg5 c5 10. e3 Ce4 11. Bxe7 Dxe7 12. cxd5 exd5 13. Da4 Tfe8 14. Cxd5 Bxd5 15. Dxa6 cxd4 16. exd4 De6 17. Db5 Ted8 18. Tfc1 Cg5 19. Cc6 Bxc2 20. Cxd8 De4 21. h3 Cf3+ 0:1

HORT-BYRNE

Holandesa

1. c4 e6 2. Cf3 f5 3. g3 Cf6 4. Bg2 Be7 5. 0-0 0-0 6. d4 d5 7. b3 b6 8. Dc2 c6 9. Ba3 Bb7 10. Ce5 Bxa3 11. Cxa3 Dd6 12. Db2 Cbd7 13. Tac1 Tac8 14. b4 De7 15. Cd3 a6 16. Cb1 b5 17. c5 a5 18. bxa4 Ta8 19. a4 Txa5 20. Cc3 Ce4 21. axb5 Cxc3 22. bxc6 Cxe2+ 23. Dxe2 Bxc6 24. Tfe1 Ta4 25. Cf4 Te8 26. Bxd5 Bxd5 27. Cxd5 Dd8 28. c6 Cf8 29. c7 Dxd5 30. c8D Txc8 31. Txc8 Txd4 32. Dxe6+ Dxe6 33. Txe6 Rf7 34. Te5 g6 35. Tc7+ Cd7 36. Ta5 Td6 37. Ta8 Re6 38. Te8+ Rf6 39. Td8 Re6 40. Rg2 h5 41. Rh3 Re7 42. Tdxd7 Txd7 43. Txd7+ Rxd7 44. Rh4 Re6 45. Rg5 Rf7 46. f4 Rg7 47. h3 Rh7 48. Rf6 h4 49. gxh4 Rh6 50. Rf7 1:0

FINAIS

Uma Dama ou Duas Torres

O GM Suetin contribui com mais uma achega para ilustrar esta velha controvérsia teórica



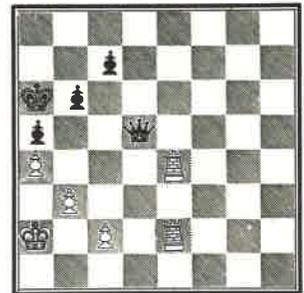
GM Alexei Suetin

O que é mais forte, uma dama ou duas torres? É acordo unânime que a escala dos seus valores recíprocos é absolutamente equivalente. Mas a prática demonstra que, regra geral, duas torres, se actuam

ligadas, são ligeiramente mais fortes que uma dama, particularmente nos finais

Esta controvérsia teórica ilustra-se perfeitamente no exemplo seguinte, retirado da prática dos grandes-mestres soviéticos.

Observemos o seguinte exemplo simples:



Esta posição ocorreu após o lance 42 das brancas na partida Gurgendizé-Averbakh, XXIX Campeonato da URSS, 1960. Apresenta-se aqui uma luta «limpa» entre dois tipos de artilharia pesada em presença de material absolutamente simétrico na sua estreita extensão.

As brancas demonstram o seguinte plano de vitória forçada:

42. ... De1 43. Rg2 Rh6 44. Td1 De2 45. Td7 Dc2 46. Rg1 f5.

Forçado. Caso contrário o ataque ao ponto f7 decide.

47. Te1 Dc8 48. Tee7 Dh8 49. f4!

Fixando definitivamente os peões negros, as brancas com as ameaças de mate que criam em h7, limitam a acção da dama negra. As finas manobras das torres brancas abrem caminho à activação do próprio rei e, no momento preciso, provocam a passagem a um final ganhante de peões. O decurso do jogo é em si mesmo esclarecedor. O plano das brancas não encontra obstáculos.

49. ... Da1+ 50. Rh2 Db2+ 51. Rh3 Dh8 52. Tb7 Dg8 53. Tf7 Dh8 54. Rg2 Dg8 55. Rf2 Dh8

As pretas não dispõem de outros lances!

56. Re2 De8+ 57. Rd2 Dd8+ 58. Rc2 Dc8+ 59. Tbc7 Dh8 60. Rd3 Dd8+ 61. Rc4 Dg8 62. Rc5 Dh8 63. Th7+ Dxh7 64. Txx7+ Rxx7 65. Rd5 Rg7 66. Re6 e as pretas abandonam.

A. SUETIN

(Traduzido do russo por Alvaro A. Fernandes)

Ao serviço do concelho

ALMADA

ontem hoje amanhã

Revista regional da Margem Sul

A informação e análise que a cidade necessitava

leia, divulgue e assine

IX Olimpíada: Portugal surpreende...

A equipa portuguesa tem continuado a conseguir resultados surpreendentemente bons na IX Olimpíada Postal (Grupo I da fase preliminar). Além dos resultados já referidos no n.º 11 da «RPX», os nossos representantes obtiveram os seguintes resultados: no 1.º tabuleiro, Álvaro Pereira venceu o irlandês J. Murray; no 2.º, Luís Santos empatou com o finlandês J. Sorri, resultado que Victor Silva, no 4.º, obteve com o romeno E. Nacht; finalmente, no 6.º tabuleiro, José Pereira dos Santos, derrotou o hondurenho A. Lailo e o italiano P. Pulieri.

Após algumas décadas, em que o conjunto lusitano, carecendo de novos valores, se classificou, com decepcionante regularidade, nos derradeiros postos de todas as provas colectivas, numa equipa em que predomina o «sangue novo» (apenas Raul Soares Nobre integrara já delegações nacionais) está neste momento com possibilidades de não deslustrar a espectacular quarta posição que Portugal alcançou na I Olimpíada de Xadrez por Correspondência, disputada de 1935 a 1939.

Nesta competição, para a qual se inscreveram catorze países europeus, três dos quais com duas equipas, Portugal obteve a passagem à final com um belo segundo lugar no seu grupo, atrás da Suíça «A» e à frente da França, Itália, Espanha e Holanda «B». Foi a seguinte a classificação final desta I Olimpíada: 1.º Hungria, 20 ½ pontos (de 30); 2.º Áustria, 19 ½; 3.º Suíça, 16; 4.º Portugal, 13; 5.º Dinamarca, 11; 6.º Alemanha, 10. A equipa portuguesa era constituída pelos seguintes jogadores (entre parêntesis os pontos obtidos): Raul Q. Rosa (1), António M. Pires (3 ½), Carlos A. Pires (1), Eduardo Pellen (2), Dr. J. M. Costa (3) e Henrique Montero (2 ½).

Reproduzimos de seguida, numa homenagem a essa brilhante equipa, a vitória obtida por E. Pellen sobre o representante alemão, com comentários extraídos da antiga RPX. A continuação, publicamos a partida que o 6.º tabuleiro da actual selecção ganhou ao adversário italiano.

E. PELLEN - J. BERNARDS

Corr. 1938

Colle

1. d4 d5 2. Cf3 Cf6 3. e3 c5 4. c3 Cbd7 5. Bd3 Dc7 6. 0-0

Neste ponto joga-se habitualmente Cbd2 seguido de 6... e5 7. e4!, etc., Colle-Stolz, Bled 1931. Propositadamente, porém, as brancas escolhem outra variante menos conhecida.

6... e5 7. dxe5 Cxe5 8. Cxe5 Dxe5 9. c4

A característica desta variante: o avanço do peão e é substituído pelo do peão c e o CD desenvolve-se por c3.

9... Be7

Melhor era, provavelmente, Bd7 ou dxc4.

10. cxd5 Dxd5 11. Cc3 Dd8

A dama regressa ao lar com 4 lances feitos, o que com certeza traduz perda de tempo.

12. e4 0-0 13. Bf4!

Preferível a e5, que teria permitido ... Cg4

13... Bg4 14. Dc2 h6 15. h3 Be6 16. e5 Ce8

O posto avançado e5 estabeleceu-se assim sem que as pretas pudessem jogar Cg4. Segue-se agora uma luta interessante para obter a ocupação da casa e4 pela dama branca, o que as pretas conseguem evitar durante algum tempo.

17. Tfd1 Da5 18. De2 Db4! 19. Bd2.

Mais forte que 19. Be1

19... c4

Se 19... Dxb2? 20. Tb1 Da3 21. Txb7 com vantagem nítida.

20. Bc2 Db6

Aqui, igualmente, se... Dxb2? 21. De4 seguido de Tb1, etc.

21. Be3 Da5 22. Bf4 Da6!

As pretas, como não podem agora evitar De4, defendem com a sua dama o ponto e6, para poderem responder a esse lance com ... f5.

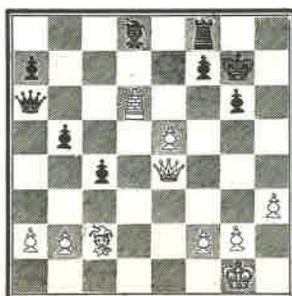
23. Cd5 Bxd5 24. Txd5 Td8 25. Txd8 Bxd8 26. De4!

A ocupação desta casa, por tanto tempo cobiçada, produz agora os seus frutos.

26... g6 27. Bxh6 Cg7 28. Bxg7 Rg7 29. Td1

As pretas estão evidentemente perdidas; o seu lance seguinte, sem dúvida uma falta de atenção, perde sem mais demoras.

29... b5? 30. Td6 1:0



Com efeito, se 30... Dc8 31. Txd6+, etc.

(partida anotada por E. PELLEN, extraída da RPX — I série n.º 18-19).

J. P. SANTOS - P. PULIERI

Corr. 1978

Catalã

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 d5 4. Bg2 Be7 5. Cf3 0-0 6. 0-0 Cbd7 7. Cc3 (sacrifício típico de peão, cujo objectivo é a ocupação do centro. As negras, pelo seguro, recusam) c6 8. b3 b6 9. Bb2 Bb7 10. Dc2 Tc8 11. Tad1 c5 (lance pouco conhecido, em lugar do normal Dc7. Na minha opinião, bastante mais sólido) 12. cxd5 cxd4 13. Cxd4 (se 13. dxe6, então dxc3 14. exd7 Tc7!, e as negras estão esplendidamente colocadas, pois o peão c3 é intocável — 15. Bxc3 Bb4) Cxd5 14. Bxd5 (a despeito do bispo de g2 ser uma boa peça, esta jogada representa a melhor hipótese das brancas em conexão com a jogada seguinte) Bxd5 15. Dd2 (procurando pressão na coluna de dama. As negras deviam agora jogar Cf6 com a intenção de a neutralizar. Mais ambiciosas — talvez porque jogavam com um débil adversário português, no seu conceito —, afundam-se subitamente) Bb4! 16. Cf5! Bc6? (e não há nada a fazer. Era obrigatório 16... exf5 17. Dxd5 Bxc3 18. Bxc3 Txc3 19. Dxd7 Dxd7 20. Txd7, e as brancas têm um jogo melhor. Por exemplo: 20... Tc2 — ou 20... a5 21. Tfd1 — 21. Txa7 Td8 — ou 21... Txe2 22. Td1 e Tdd7, prendendo uma torre negra a f8 e mobilizando a maioria na ala de dama — 22. Tb7, mantendo as brancas aspirações de vitória) 17. Cd5!! (nem mesmo Cxg7! era mais rápido) Bc5 18. Dh6 1:0 (se 17... Bxd5 ou exd5, segue 18. Dh6. Contra 17... Bxd2 18. Cde7+ Dxe7, forçado).

(comentários de JOSÉ P. SANTOS)

XADREZ

Damas • Domino • Ludo
Cavalinhos • Gamão
Cartas • Loto • Monopólio
e muitos outros jogos

Spril
SPORTS
rua do carmo, 21 - lisboa

NACIONAL

Correspondendo à dinamização que o xadrez ultimamente tem sofrido, continua a verificar-se uma prática cada vez mais crescente da modalidade, traduzida nomeadamente pela efectivação de torneios internos, onde as elevadas aderências nem sempre são motivo que justifique o sistema suíço de emparceiramento, tal é o entusiasmo.

Distrito de Aveiro

Clube dos Galitos de Aveiro — 1.º Pedro Mantas; 2.º Acácio Ravara; 3.º Artur Tibúrcio. Participaram dezasseis concorrentes, divididos em duas séries preliminares. Pedro Mantas e Acácio Ravara, vencedores das suas séries, disputaram a final entre si.

Clube de Campismo de S. João de Madeira — Verdadeira maratona do xadrez constituiu este torneio interno, que se disputou em «poule» e onde participaram dezoito concorrentes. 1.º José Pinho, 17 pontos (100%); 2.º Flávio Pinho, 14; 3.º Pedro Correia, 12 ½.

Núcleo de Xadrez de Arrifana — 1.º Augusto Sousa, 10 pontos em 10 possíveis; 2.º Gustavo Brandão, 8; 3.º Eduardo Costa 7 ½. Inscreveram-se onze concorrentes.

Ass. Recreativa e Cultural de Azeméis (ARCA) — Nova maratona! Catorze concorrentes, sistema em «poule» e vitória de Jaime Walter com 12 ½ pontos; 2.º Augusto Cadilha, 11; 3.º Alfredo Costa, 10 ½.

Distrito de Coimbra

I Torneio Inter Cafés — Organizado pelo Centro de Intervenção Juvenil e com a colaboração da Ass. Xadrez de Coimbra e da Direcção-Geral dos Desportos, decorreu o I Torneio Inter Cafés, disputado no Chiado e onde tomaram parte sete equipas.

Venceu o Café Pigalle, representado por Firmino Silva, Carlos Quaresma, Júlio Gomes, Raul Mota, João Araújo e Francisco Ferreira.

Distrito de Faro

Sport Faro e Benfica — Dezoito concorrentes, divididos em duas séries, disputaram a fase preliminar do torneio interno deste clube, tendo sido apurados para a final os quatro primeiros de cada série. 1.º Francisco Gonçalves, 5 pontos em cinco possíveis, já que Francisco Figueiredo, 3 ½; 3.º David Mousinho, 3 ½.

Grupo Desportivo Marina — 1.º José Inácio, 5 pontos em 6 possíveis; 2.º Vítor Martins, 4; 4.º Abílio Lapa, 4. Participaram sete concorrentes.

Clube Náutico do Guadiana — 1.º Luís Aquilino, 10 pontos em outros tantos possíveis; 2.º A. Maria Cruz, 8; 3.º António Martins, 8; Treze concorrentes iniciaram a prova, vindo a desistir Mário Botelho e António Cavaco.

Clube «Os Bonjoanenses» — 1.º Fernando Marreiros, 4 pontos em 5; 2.º António Rodrigues, 4; 3.º Paulo Calado, 2. Tomaram parte apenas cinco jogadores.

Distrito da Guarda

Grupo de Xadrez de Vila Nova Foz Côa — 1.º Fernando Branquinho, 5 pontos em cinco possíveis; 2.º Fernando Reino, 3; 3.º Américo Santos, 3. Foi desqualificado José de Almeida.

Larsen no II «Aberto» da Guarda?

Estão já abertas as inscrições para o II Torneio Aberto da Guarda, que se disputará de 28 de Julho a 1 de Agosto. Neste momento está já assegurada a presença de Luís Santos, actual campeão do aberto de Portugal, e foram convidados Fernando Silva e Joaquim Durão. Por outro lado, foram também dirigidos convites aos «grandes-mestres» Bent Larsen e Helmut Pfleger, não podendo este participar já que se encontra comprometido com o torneio IBM que se realizará em Amsterdão na mesma altura.

Os pedidos de inscrição deverão ser feitos até 15 de Julho para a Comissão Organizadora, Rua General Póvoas, 3, telef. 22882 — Guarda, acompanhados da respectiva taxa, Esc. 250\$00 para jogadores com pontuação Elo superior a 2000 pontos, Esc. 150\$00 para jogadores de 1800 a 2000 e finalmente Esc. 100\$00 para aqueles cuja cotação é inferior a 1800 pontos.

Este torneio, que se realizará no Hotel Turismo, concederá prémios pecuniários aos doze primeiros classificados e será rodeado de grande interesse, à semelhança do que aconteceu com a primeira edição da qual saiu vencedora o «grande-mestre» austriaco Karl Robatsch.

II Campeonato Distrital das Escolas Primárias — Envolvendo cerca de quinhentas crianças dos seis aos treze anos, decorre o II Torneio Distrital das Escolas Primárias da Guarda, competição que terá certamente grandes repercussões no desenvolvimento e dinamização do xadrez no nosso País.

Apurados já alguns vencedores, quem sabe, futuros campeões de amanhã, seguem-se os seus nomes: José Carlos Rodrigues (Cortiço da Serra), Paulo Lopes (Muxagata), Fernando Martins Marques (Chás), Carlos Lourenço e Carlos Moreira (Mêda), Clara Maria das Neves (Corujeira), Carlos Oliveira (Santa Comba de Foz Côa), Carlos Cabral (Souropires) e Maria da Conceição Soares (Moimenta e Granja).

Distrito de Setúbal

Ginásio Clube do Sul — Foram vinte e seis os concorrentes inscritos neste torneio, realizado em sete sessões por sistema suíço. 1.º Carmo Vaz, 6 pontos; 2.º Armando Romão, 6; 3.º Américo Costa, 5.

Quinas Clube Desportos — 1.º António Araújo, 5 ½ em sete possíveis; 2.º Manuel Brito, 5,5; 3.º Vítor Morais, 5. Inscreveram-se dez concorrentes, tendo terminado apenas oito devido ao abandono de António Tapadinhas e Manuel Martins.

Soc. Filarmónica União Agrícola — 1.º Adérito Mateus, 7 pontos em oito possíveis; 2.º Fernando Jorge, 5; 3.º Aníbal de Sousa, 5. José Luís abandonou a prova, terminando esta com nove concorrentes.

Portão Verde — Doze participantes teve o torneio interno desta colectividade, o qual se desenrolou em «poule». 1.º Eduardo Nunes, 9 ½ pontos; 2.º António Ferreira, 9; 3.º António Robalo, 8 ½.

União Juventude Pombalense — 1.º Edgar Counhago, 9 ½ em 10 possíveis; 2.º Fernando Costa, 9; 3.º Domingos Ramos, 8. Concorreram onze jogadores.

Liceu Nacional de Setúbal — Apenas cinco alunos aderiram ao torneio do núcleo de xadrez do Liceu Nacional de Setúbal, vencendo Carlos Moreira com 4 pontos; 2.º Álvaro Rodrigues, 3; 3.º Rui Antunes, 2.

(Compilação de JOSÉ DE SOUSA)

«O meu melhor sacrifício»

Voltamos a convidar os xadrezistas portugueses para nos enviarem o seu «melhor sacrifício» — em diagrama, com a indicação do próprio nome e o do adversário, o torneio e ano em que se jogou, bem como a descrição da combinação e variantes. Assim criaremos na nossa secção «para resolver» uma rubrica só com originais portugueses — uma autêntica colectânea. A qual principiará já no próximo número com combinações insertas no «Informativo»

Troca de galhardetes

Álvaro Pereira e Luís Santos resolveram trocar de secções, segundo as suas próprias palavras «para não morrerem estúpidos», ou mais prosaicamente, num desejo de «mudança de ares». Assim, a partir do próximo número os «Temas Estratégicos» serão orientados por Luís Santos e os «Temas Táticos» por Álvaro Pereira.

Numa conversa recente, os dois «abaixo-assinados» decidiram trocar as secções de que têm vindo a ocupar-se na «R.P.X.» Por coincidência, cada um de nós tinha pensado em «encerrar os seus trabalhos» com uma partida disputada pelo outro. E daí nasceu a ideia deste artigo conjunto, uma espécie de «passagem de testemunho», em que cada um comenta o jogo do outro. Assim, os temas de «Bloqueio» são ilustrados pelo encontro L. Santos-S. Pereira, do recém-terminado Campeonato Nacional por Correspondência, e os de «Ataque ao Roque» pelo desafio A. Pereira-B. Pusenjak, disputado nas semifinais do XI Campeonato do Mundo, também em xadrez postal.

Nos três últimos artigos da secção de «Temas Estratégicos» ensaiou-se um breve estudo sobre o forcing de posições bloqueadas. Na partida que iremos ver de seguida, podemos observar como as brancas obtêm numa situação bloqueadora dominante — devido ao maior espaço e a terem um bispo bom contra um mau — e, de seguida, conseguem o triunfo, numa combinação dos três temas expostos nos artigos atrás citados: o zugzwang, a ruptura e o sacrifício.

L. SANTOS - S. PEREIRA
Orangotango Diferida (I?)
Corr. 1976/7

• 1. Cf3 Cf6 2. c4 g6 3. b4 Bg7 4. Bb2 0-0 5. e3

Uma continuação menos trilhada do que 5. g3.

5... d6 6. Be2 e5 7. d3

Outra possibilidade a considerar é 7. d4.

7... Cbd7 8. 0-0 Te8

A partida Csom-Vaganjan (Erevan, 1976) prosseguiu com 8... Ce8 9. Dh3 Rh8 10. Cbd2 De7 11. Tac1 b6 12. c5!? bxc5 13. bxc5 Cxc5 14. Da3, e a actividade das peças brancas compensa o peão sacrificado.

9. Cbd2 c5!?

As negras opõem-se drasticamente às rupturas em c5, mas ao preço de debilitarem definitivamente o importante ponto d5.

10. a3 Dc7

Se 10... h6 11. Ce4!, pois se 11... Cxe4! 12. dxe4, com múltiplas possibilidades de ataque sobre o centro e flanco de dama, enquanto que o peão em h6 torna vulnerável a outra ala, caso as pretas aí pretendem reagir.

11. Cg5! Cf8 12. Bf3

A preocupação imediata das brancas é o controlo de d5.

12... Bd7!

Falhava o golpe 12... e4? por 13. Bxf6 Bxf6 (se 13... exf3 14. Dxf3 ganha um peão) 14. Cgxe4 Bxa1 15. Dxa1 Cd7 16. Cc3, seguido de Cd5 e Ce4.

13. Cge4 Cxe4 14. Cxe4 Bc6 15. Cc3

Aqui se conclui o plano iniciado com 11. Cg5! A posição apresenta já características de semi-bloqueio.

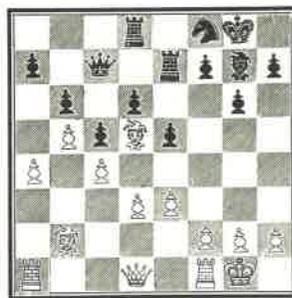
15... b6?

Um grave erro estratégico, pois consente a posterior abertura da coluna a, que, obviamente, irá favorecer as brancas que possui maior espaço e o domínio central.

16. Cd5 Bxd5 17. Bxd5 Tad8 18. b5! Te7 19. a4

A ruptura é a primeira arma anti-bloqueio a ser engatilhada.

Percebe-se agora mais facilmente a razão por que 15... b6 foi um erro. A estarem peões ainda em a7 e b7, contra um eventual a5-a6 seguir-se-ia b7-b6 ou, contra b5-b6, a7-a6.



19... Cd7 20. a5 Cf6 21. axb6 axb6 22. Df3! Cxd5 23. Dxd5

Repare-se como, primeiro com o bispo e depois com a dama, as brancas mantêm um apertado policiamento da casa a8.

23... Db7 24. Dxb7 Txb7 25. e4!

«Promove» o Bg7 de mau a muito mau, além de que converte em fumo qualquer esperança de d6-d5.

25... Rf8 26. Ta6 Re7 27. Tfa1 Rd7 28. g3

A nada conduz 28. Ta7 Rc7. O completo domínio da coluna a não é bastante para obter o triunfo, pelo que as brancas vão abrir novas rotas para os seus desejos expansionistas.

28... Re7 29. Rg2 f6

A defesa de «apertadinho» é a mais aconselhável; 29... f5 só serviria para ganhar o adversário.

30. h4!

Extrema-esquerda e extrema-direita unem-se com o mesmo objectivo.

30... Te8

Se 30... h5, uma ruptura em g4 seria decisiva.

31. h5 Tg8 32. hxg6 hxg6 33. Bc1

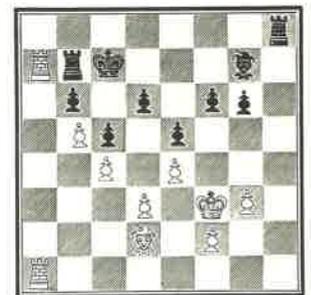
Há tempo para tudo...

33... Te8 34. Bd2

Um novo tema faz a sua aparição, embora que só no campo das eventualidades. Caso as torres desapareçam do tabuleiro e o rei negro corra a defender o seu próprio flanco, surge o sacrifício Ba5!

34... Th8 35. Rf3! Rd7 36. Ta7 Rc7

Se 36... Tb8 37. Rg4 Re6 38. T1a6! (retira a torre da diagonal, com a ameaça de 39. f4 e 40. f5+) f5+ 39. Rg5 Bf6+ 40. Rxg6 Tg8+ 41. Rh5 Th8+ 42. Bh6 e ganham.



37. Bc1

O «caldinho» é completo! Com este lance, as pretas ficam em zugzwang, e têm de ceder a coluna h ou a oitava fila, pois se 37... f5 38. Bg5 é decisivo; por exemplo: 38... Tf8 39. Ta8! Txa8 40. Txa8 Tb8 41. Ta7+ Tb7 42. Bd8+ Rc8 43. Txb7 (43. Bxb6? Txa7 44. Bxa7 Rb7) Rxb7 44. exf5 gxf5 45. g4.

37... Thb8 38. Txb7+ Rxb7

Se 38... Txb7 39. Th1! Rd8 40. Th7

Re8 41. Bh6 Rf8 42. Th8+! Rf7 43. Bxg7 Rxg7 44. Td8.

39. Th1 Th8 40. Txb8 Bxb8 41. Bh6! Como num filme de terror de segunda ordem, o bispo é enterrado vivo!

41... Rc7 42. Rg4 Rd7

Nada adiantaria 42... Rd8 43. Bf8 Rd7 44. f3 Re6 45. f4, invertendo para a partida.

43. Bf8 Re6 44. f4 exf4 45. gxf4 g5

As pretas estavam novamente em zugzwang; se 45... f5+ 46. Rg5.

46. f5+!

Também ganha 46. Rf3!?, mas era falso 46. fxcg5? fxcg5 47. Rxcg5 Re5!

46... Rd7

Evita o brilhante 46... Re5 47. Rf3 Rd4 48. Re2 Re5 49. Re3 g4 50. Bh6 e 51. Bf4++.

47. Rh5 1:0

A seara está madura, mas o jogo foi interrompido e enviado a adjudicação neste momento, impedindo a colheita: 47... Rc7 48. Rg6 g4 49. Rh7 g3 50. Bh6, etc.

De um modo geral não se deve iniciar qualquer ataque a um flanco, ao roque por exemplo, sem possuir o domínio ou pelo menos o controle do centro. Isto é importante para impedir uma reacção nestas importantes casas que pode originar uma fácil defesa. ou até um contra-ataque decisivo. Quem controla o centro é que deve tomar a iniciativa; se o adversário o ocupou, atacar torna-se uma tarefa difícil e, geralmente, condenada ao fracasso.

Mas há excepções à regra. Na seguinte partida, o lado defensivo possui um vistoso centro que nada pôde fazer, frente aos rápidos e precisos golpes de ataque que logo após a abertura expuseram o rei negro, a uma terrível «corrente de ar». De qualquer modo é notória a dificuldade que as brancas tiveram em ladear o poderoso centro.

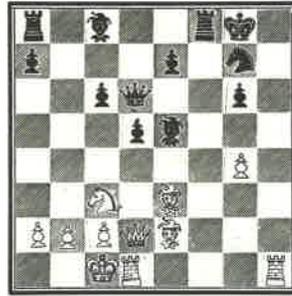
Atacar é fácil, difícil é saber atacar!

A. PEREIRA - B. PUSENJAK

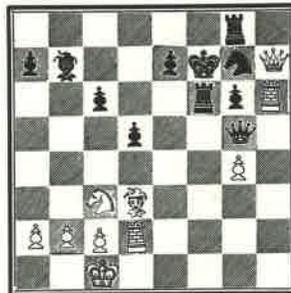
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 exd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 g6 6. Be3 Bg7 (se 6... Cg4?? Bb5+) 7. Be2 (7. f3 em vista a 8. Bc4, 9. Dd2, 10. 0-0-0 e logo iniciar o ataque com 11. h4 conduz a variantes, do ataque Rauser da Defesa Dragão, extremamente agudas) Cc6 8. h4 (lance introduzido por Smislov no seu match contra Botvinnik em 1958) h5 (considerado mais forte que 8... 0-0 9. h5 d5 10. hxg6 e agora tanto 10... fxcg6 11. exd5 Cd5 12. Bc4! como 10... hxg6 11. Cxc6 bxc6 12. e5 Ce4 13. Cxe4 dxe4 14. Bd4 Da5 15. Bc3 dão uma ligeira vantagem às brancas) 9. f3 0-0 10. Dd2 d5! (lance fundamental de libertação em múltiplas sicilianas) 11. Cxc6 bxc6 12. e5 Ce8 (12... Cd7 13. e6!) 13. g4! (Uma das partidas do match Smislov-Botvinnik continuou com 13. f4 f6 14. 0-0-0 — aqui interessante é também 14. g4! hxg4 15. 0-0-0 — 14... fxe5 15.

fxe5 Bxe5 16. g4 Bxg4 17. Bxg4 hxg4 18. h5 g5! com igualdade!) 13... Bxe5 14. 0-0-0 hxg4! 15. fxcg4 Dd6! (fugindo imediatamente às análises de 13. g4!! «made in Lisbon 75» (1) que contemplavam sobretudo 14... Cg7 15. f4 Bf6 16. Ce4!, com decisivo ataque, segundo conclusão da época!) 16. h5 Cg7 17. hxg6 fxcg6.



(Aqui as brancas começam a ter sérias dúvidas sobre se haveria compensação pelo peão sacrificado, pois os ataques pelas vias normais de penetração fracassavam, e o forte centro do australiano B. Pusenjak começava a impor respeito, mas...) 18. Dd3 (impedindo 18... Ce6) Tf6 19. Bd2! (volta a impedir o incómodo salto, pois se 19... Ce6? 20. Ce4! dxe4 21. Dh3 Tf7 22. Bc3! — ameaçando 23. Dh8+! — Cd4 23. Txd4 Dc7 24. Td8+!, etc.) Bf4! 20. Dh3 Bxd2+? (melhor era imediatamente 20... Rf7!) 21. Txd2 De5 (única para evitar 22. Dh8+ Rf7 23. Th7 e 22. Ce4) 22. Bd3 Rf7! (se 22... Tb8 23. Dh6 Rf7 24. g5 — também serve 24. Tf2!?, pois se Txf2 25. Dxc6+ Rg8 26. Th8+ — Td6 25. Dh8!! com a ameaça 26. Tf1+ estando os cavalo e bispo negros pregados!) 23. Dh8! (mau era 23. Dh7 Bxc4!) Bb7 24. Dh7 Dg5 25. Th6! Tg8.



26. Txc6 De3 (ou 26... Txc6 27. Bxc6+ Rf8 28. Dh2! e5 — se 28... Dxc6 29. Tf2+ — 29. Df2+ Df4 30. Dxa7) 27. Txf6+ exf6 28. Ce4! De1+ (ou 28... Df4 29. g5! fxcg5 30. Cd6+ Dxd6 31. Tf1+) 29. Td1 1:0

ALVARO PEREIRA
LUIS SANTOS

(1) O co-autor A. Pereira deseja manifestar que a novidade teórica 13. g4!? se deve ao co-autor L. Santos. Após algumas análises conjuntas, o co-autor A. Pereira resolveu testar a novidade numa partida importante apesar de o co-autor L. Santos lhe chamar suicida!...

50.º ANIVERSÁRIO DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE XADREZ

medalha comemorativa



ANVERSO



REVERSO

Tiragem 500 ex. NUMERADOS
(BRONZE)

Módulo 70 mm

PREÇO 250\$00
(Porte não incluído)

Os pedidos poderão fazer-se para a Federação Portuguesa de Xadrez, Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1, devendo ser acompanhados da importância respectiva em cheque, vale do correio ou dinheiro, acrescida de 20\$00 para porte do correio.

«NACIONAIS»

José Pereira dos Santos — triunfo justo para um justo vencedor

Santa Apolónia, 13 de Maio, 12 horas! Aos poucos, várias caras conhecidas davam entrada na estação, dirigindo-se umas às outras e estabelecendo grupinhos aqui e acolá. Depois, todos confluíam para o comboio da linha seis que sairia em breve. Destino: Alhandra-

O que se passou em Santa Apolónia, passou-se certamente em outros locais onde não foi preciso marcar encontro mas aonde todos se deslocaram para daí se dirigirem a um local comum, fulcro da actividade xadrezística daquele fim-de-semana.

Em causa, os «nacionais de rápidas»!

O local

Quando ouvimos falar na Sociedade Euterpe Alhandrense, de longe nos passaria pela cabeça encontrar as condições que na verdade encontrámos. Um edifício novo, independente, uma colectividade polivalente e um amplo salão de espectáculos onde teve lugar precisamente o xadrez. Ladeando o edifício, toda a espampanância do Tejo completava aquele cenário, oferecendo aos participantes um

panorama que por certo jamais esquecerão. O dia estava óptimo, o calor abrazante, e o Tejo era uma tentação ali mesmo à nossa frente. Mas entre uma e outra tentação, a opção foi para os cavalos e os bispos, não admirando que pouco depois de abrirem as inscrições, já cento e treze «maluquinhos das rápidas» houvessem preenchido o seu nome no respectivo boletim.

O torneio

Quando às 15,15 horas fecharam as inscrições, eram contabilizados duzentos e quinze boletins, número que excede largamente a participação do ano passado. E mais tempo permanecessem abertas, maior seria o número de inscritos, caso por exemplo de Fernando Sequeira (pai) que terá de esperar pela próxima edição para mostrar quanto vale.

E foi por volta das 15,45 h que todos os concorrentes deram entrada naquele enorme salão, engalanado por um tabuleiro mural gigante, obra que os «euterpes» executaram excelentemente em esferovite. E a ideia aqui fica!

Ordenar e composição das mesas e elaborar as respectivas séries preliminares, não foi tarefa fácil, muito pelo contrário, só foi possível mercê do trabalho — e porque não suor se o dia estava quente — de alguns federativos e «caseiros» voluntários.

Entre os presentes, vislumbravam-se as ausências de Fernando Silva, Victor Silva e Álvaro Pereira, e o reaparecimento de Joaquim Durão. Também algumas presenças femininas!

Vinte foram as séries preliminares, ordenadas de A a U e onde participaram de dez a onze concorrentes, sendo o primeiro apurado para a final A, o segundo para a final B e assim sucessivamente.

A revelação

Não foram em todas as séries que o respectivo «cabeça» logrou levar a melhor! Assim, António Pereira dos Santos cedeu a final A a Rui Mendes, Júlio Santos a Almeida e Sá, Fernando Sequeira Jor. a António Ferreira, Marino Ferreira a Luís Galego, Fernando Castro a Alexan-



DE RÁPIDAS

dre Dias, Horácio Neto e Enes Baptista, Rui Marques e Álvaro Fernandes, Vasco Santos e Vítor Ferreira e Pedro Morais a Mário Morais. E até se deram casos em que o referido «cabeça de série» nem sequer se conseguiu classificar em segundo lugar, exemplos de Fernando Castro e Rui Marques, que foram terceiros, Horácio Neto, quarto, e Vasco Santos, sétimo.

Mas a grande revelação deste campeonato foi sem dúvida o jovem Luís Galego, de doze anos, do CDUP, que viria a ganhar a série preliminar O, à frente de Marino Ferreira e que conquistaria o lugar da geral.

O vencedor

A partida para a final A, era fácil adivinhar-se o despique: Luís Santos, vencedor do ano passado, e José Pereira dos Santos, o grande ausente desse ano, chamavam a si o favoritismo.

E foi José Pereira dos Santos que, perdendo apenas as partidas que o opôs a António Fernandes e a Júlio Santos, que viria a beneficiar a derrota deste frente a Jorge Guimarães e dos empates cedidos a António Fernandes, Joaquim Aníbal e Álvaro Fernandes, sagrando-se vencedor deste VII Campeonato Nacional de partidas rápidas.

Dos vinte e nove jogos disputados, contando já com a série preliminar, José Pereira dos Santos acumulou vinte e sete vitórias e duas derrotas, o que constitui um saldo verdadeiramente notável.

Triunfo justo para um justo vencedor, eis o comentário final.

JOSÉ DE SOUSA

1.º José P. Santos, 16; 2.º Luís Santos, 15½; 3.º António Fernandes, 13; 4.º João Sequeira, 13; 5.º Luís Ochoa, 12½; 6.º Martinho Lopes, 12; 7.º Jorge Guimarães, 10; 8.º Sílvio Santos, 10; 9.º Joaquim Aníbal, 9½; 10.º Joaquim Durão, 9½; 11.º Tomé Duarte, 9; 12.º Vítor Ferreira, 9; 13.º António Ferreira, 7½; 14.º Almeida e Sá, 6½; 15.º Álvaro Fernandes, 6; 16.º Enes Baptista, 4½; 17.º Alexandre Dias, 3; 18.º Rui Mendes, 2½; 19.º Luís Galego, 2.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Pts.
1.º C. A. Alvalade-A	●	1	2	4	3½	3½	3½	3½	4	4	29
2.º Sporting C. P.-A	3	●	1	3	2	3	3	4	4	3	26
3.º S. L. Benfica-A	2	3	●	3	3½	2	1	1	4	4	23½
4.º C.D.U.P.-A	0	1	1	●	3	2	3	2½	3	3½	19
5.º Ateneu C. L.-A	½	2	½	1	●	4	3	2½	2	3	18½
6.º G. X. Coimbra	½	1	2	2	0	●	2	4	3	3½	18
7.º C. F. Belenenses-A	½	1	3	1	1	2	●	3	2	2	15½
8.º G. X. Santarém-A	½	0	3	1½	1½	0	1	●	2½	3½	13½
9.º O Clube	0	0	0	1	2	1	2	1½	●	2	9½
10.º C. X. Cavalo de Ouro	0	1	0	½	1	½	2	½	2	●	7½



A equipa vencedora: José P. Santos, António P. Santos, Almeida e Sá e Jorge Alexandre, que, acabada a sua partida, acompanha atentamente o desenrolar das restantes.

Alvalade vence também por equipas

Continuando aqueles que vaticinavam o sexto título, terceiro consecutivo, para o Benfica, o CAA venceu folgadoamente o VIII Campeonato Nacional de Rápidas por equipas. E fê-lo de modo convincente.

O Torneio adivinhava-se mais equilibrado e muito mais forte que no ano passado. Praticamente todas as equipas apresentaram os seus melhores elementos, e outros apareceram em muito melhor forma.

O triunfo do Benfica tem sido desde sempre a homogeneidade, com os dois últimos tabuleiros muito fortes em torneios de rápidas. Aliás, uma equipa muito virada para esta modalidade, pois a formação do clube para torneios de xadrez

foi, pelo menos o ano passado, completamente diferente. No entanto, neste campeonato apresentou-se pouco inspirada, perdendo muitos pontos contra equipas teoricamente mais débeis. E foi aí que o CAA venceu.

Se os novos campeões devem algo ao seu 1.º tabuleiro, José P. Santos, que teve uma excelente actuação (cedeu apenas dois empates), pode-se dizer que nunca venceriam se os dois últimos não tivessem «aguentado o barco». Almeida e Sá, a disfarçar muito bem a sua evidente má forma, e Jorge Alexandre muito mais eficiente do que lhe é usual, não atraíram o esforço dos irmãos Pereira dos Santos. Note-se que foi nos resultados volumosos contra equipas menos fortes que o CAA assegurou o título: Entre os três primeiros, o Benfica fez 5 pontos, o Sporting 4 e o Alvalade 3.

O Sporting foi o único perseguidor dos vencedores. Partiu para a última sessão com apenas ½ ponto de atraso, mas cabendo-lhe defrontar o Benfica, enquanto o CAA jogava com o GX Coimbra. Não conseguindo evitar a derrota (1:3) enquanto

Os Campeões Nacionais de Rápidas

I Estoril, Dez 69	João Cordovil (GL)	S. L. Benfica
II Porto, Out. 70	Joaquim Durão (SCP)	G. Literário
III Estoril, Dez. 71	João Cordovil (GL)	S. L. Benfica-A
IV Lisboa, Dez. 72	Júlio Santos (SLB)	S. L. Benfica
V Lisboa, Dez. 75	Fernando Silva (SCP)	Sporting C. P.-A
VI Abrantes, Jul. 76	António P. Santos (CAA)	S. L. Benfica-A
VII Coimbra/Out. 77	Luís Santos (SCP)	S. L. Benfica-A
VIII Alhandra, Maio 78	José P. Santos (CAA)	C. A. Alvalade-A

o Alvalade se desembaraçava facilmente (3 ½:½) dos seus opositores, veio proporcionar aos novos campeões uns confortáveis 3 pontos de avanço no final da prova. Perdeu para terceiros aquilo que tinha conquistado no confronto directo. (Vitória por 3:1 frente ao CAA).

O CDUP foi mais uma vez o principal opositor das equipas lisboetas. O seu 4.º lugar deve-o, tal como os campeões aos resultados contra equipas mais fracas —

contra os três primeiros, fez 2 pontos de 12 possíveis (o Belenenses, que foi 7.º, fez 4 ½). O Ateneu melhor do que é costume, as restantes equipas de acordo com as suas possibilidades, ao não disporem, na sua maioria, de 4 tabuleiros à altura.

No fim, o triunfo de um estilo mais tecnicista, mais adulto, talvez, sobre aquele extremamente baseado em golpes táticos (dizem as más-línguas que nos «barretes») ou na rapidez de reflexos. Como

alguém dizia no fim do Torneio em relação ao novo campeão nacional individual:

«Muitos jogam rápido, ele pensa rápido».

RUI PEREIRA

NOTA DA REDACÇÃO: No final da única partida que perdeu, por tempo, contra Jorge Guimarães, Luís Santos apresentou um protesto, por o seu relógio ter sido várias vezes inadvertidamente accionado pelo jogador ao lado, protesto esse que deu entrada na F. P. X. e transitou para o Conselho Jurisdicional.

CRÓNICA DE UM «HIBERNADO»

O «desperdício» da Abertura Portuguesa

● Flash do Nacional de... «eléctricas»

Volto a interromper o fio das considerações amenas que deram origem a esta rubrica (da outra vez, foi porque os mentores da nossa Revista tiveram a deferência de dar à crónica, mais ou menos furrinbruída, sobre o «xeque-mate à sobrevivência da RPX» o jeito de «fundo...»). O que motiva este novo «solto» é a interessante Secção de Consulta que o dr. Víctor Silva (eu chamo-lhe dr. — que é — cada vez que ele me chama «mestre...») dirige em estilo que pessoalmente me agrada. Mais precisamente, a «Secção» do n.º 11, que trata da nomenclatura das aberturas.

Devo confessar que uma das coisas que me impressionou quando despertei da minha longa «hibernação» de vinte anos afastado dos meandros do xadrez foi a imensidade (e «sonoridade») de novas linhas de jogo na Abertura.

No «Opeu de Cascais» (que a bem dizer marcou o meu regresso), eu ouvia os rapazes novos a citar nomes, que soavam a russo ou coisa assim, e jogava um tanto encavacado, porque os meus conhecimentos das aberturas datam de há um quarto de século (ç) e até disso esqueci muita coisa.

Recordo-me por exemplo que com o Tomé Duarte joguei uma variante de «fianqueto de dama» e lhe perguntei se ainda se chamava «defesa oeste-indiana». Disse-me que sim, mas, «muito simpaticamente», que aquela variante «já não se usa»... (Bem, deu para empatar «de aflitos», o que já não foi mau).

Mas voltando à tal «Secção de Consulta» que motivou a crónica de hoje: foi a referência à Abertura Portuguesa, isto é à tentativa surgida em 1943, por iniciativa do dr. António Maria Pires.

Os novos não conheceram este xadrezista de eleição, que recordo com saudade. Por certo, hoje, se fosse possível transformar a ordem natural da vida, seria um companheiro que agradaria à juventude contemporânea.

O dr. António Maria Pires — o 1.º campeão de Portugal reconhecido como tal, se

a memória não me falha — possuía uma «verve» comunicativa, e um espírito de iniciativa raro na sua época.

Foi ele quem lançou a ideia de se criar a Abertura Portuguesa, oferecendo prémios de 50\$, 100\$ e 500\$00 (que hoje, mesmo com a desvalorização do escudo, equivaleria a um bom par de contos de réis pela melhor análise.

Surgiu a ideia no número de Janeiro-Fevereiro de 1945. Bem intencionada, mas com pouca sorte. Isto, porque a abertura proposta foi: 1. e4 e5 2. Bb5 (sob a designação de «nova saída do Bispo do Rei») e ao mesmo tempo falou-se nesse mesmo número de um Torneio Temático com obrigatoriedade de outra desusada abertura «a saída inesperada do Bispo da Dama — 1. d4 d5 2. Bg5?

A afinidade era óbvia (tasto que é tão saiu a gralha: na pretensa Abertura Portuguesa, como então já se sugeria, saiu 2. Bg5 depois de 1. e4 e5...).

Tudo isto tinha um ar jovial e... foi um fracasso. Mas o que hoje lamento é que nessa altura rondámos a ideia que poderia ter frutificado. Bastaria que tivesse ocorrido a significar: 1. d4 Cf6 2. Bb5... Seria na mesma (ao tempo) a «saída inesperada do Bispo da Dama», mas com hipóteses da consagração que há hoje.

O que mais me «dava» é que naquele tempo (ou pouco antes, numa olimpíada de xadrez por correspondência) a «grande arma» dos portugueses foi o «sistema Collex». Ora, a avaliar pela partida que vi no «telexmatch» Portugal-Holanda Bohm-Fernando Silva, há uma certa analogia (o BD fica «de fora...»).

Assim, os nossos xadrezistas estariam em condições óptimas para estudar esta variante — e no tempo, por certo, ninguém nos tiraria a designação de Abertura Portuguesa!... (Hoje consagrada até por Korchnoi, uma partida com Spassky, pelo menos, Joaquim Durão, etc.).

Enfim, uma hipótese que se gorou. Resta-me a esperança de que os nossos esperançosos xadrezistas da «nova vaga», estudiosos que são, ainda descubram qual-

quer variante que ligue a presença lusitana na histórica Nomenclatura de Aberturas.

★

A crónica já vai longa mas não quero deixar de referir, ainda que ligeiramente, à «festa do xadrez nacional», que pelos vistos são os «nacionais» de Rápidas (antigamente designava-se por «xadrez prugne prougne» e «eléctricas», sabiam?!...).

É simplesmente emocionante para um xadrezista da «velha guarda» do tempo em que uma dezena de equipas no antigo campeonato de Lisboa (oficiosol...) já era uma festa — ver um pavilhão repleto de tabuleiros e gente de todas as idades a jogar. Meninas (contámos meia dúzia na «maratona» individual) e meninos (um rapaz de 11 anos na final!), «pixotes» e «craques», e tanto público.

Ver chegar a Alhandra — a capital do xadrez lusitano naquele fim-de-semana — autocarros, automóveis, uma carruagem de comboio cheia de xadrezistas, de motoreta até... Só faltou vir pelo Tejo acima (o que não seria impossível porque um dos rapazes do Liceu Pedro Nunes é remador...).

Reencontrei velhos conhecimentos. O Eurico Seco, de Santarém, por exemplo, que já não via há mais de 25 anos. Atenção ao que ele me disse, «Rapazes dos bons velhos tempos»: à vista do batatal («suponho que ainda se usa esta expressão para definir a «coleção» de zeros na pauta de classificação...») que ambos já registávamos (e eu era «cabeça de série» graças a um «Elo» anacrónico para a minha actual força de jogador), comentei que «já tinhamos idade para ter juízo». O Seco respondeu. «O importante é não nos considerarmos velhos!».

É isto que recomendo aos antigos que vão aparecendo, por sentirem ainda o «bichinho» mas não se atrevem a jogar em competições.

Mais «batata», menos «batata» não interessa. Importa, sim, reviver, *participar* na «Revolução» do Xadrez Nacional!

VASCO SANTOS

O sistema Elo

Foi recentemente aprovado o novo Regulamento Técnico do Sistema de Classificação Pontual da FPX, o qual veio substituir o que se mantinha em vigor desde 1973. Esta remodelação há bastante tempo que se impunha, por todo um conjunto de razões, de que se destacam o aumento do número de jogadores classificados, o qual tornava extremamente moroso e difícil o cálculo das classificações pontuais (que o diga o Albano Ilharco), as recomendações do prof. Elo para introduzir correcções nos sistemas em vigor e as deficiências que no nosso regulamento foram sendo detectadas.

A remodelação tardou demasiado, mas a tarefa era ingrata, sobretudo para quem pretendia fazer obra limpa. Acresce que as modificações a introduzir no sistema implicavam a passagem do cálculo manual ao cálculo computadorizado ou, pelo menos, por uma máquina relativamente sofisticada, que não tínhamos disponível. Promessas neste campo foram feitas algumas, mas só recentemente, mercê da boa vontade do António Carretas, se conseguiram máquina e programa.

Desta forma, a partir de 1 de Maio, silenciosamente, num recatado gabinete da FPX, a Comissão de Classificação constituída pelo António Carretas, pelo Albano Ilharco e por fim, entrega-se de alma e coração à insigne tarefa, de calcular as classificações pontuais de todos os célebros xadrezistas do Minho à Madeira, que tenham tido o trabalho de se inscrever na FPX.

Em artigo a sair proximamente procurei fazer um pouco a história dos sistemas de classificação pontual, expôr as características do Sistema Elo e explicar em pormenor as razões das actuações agora introduzidas. Como, porém, têm corrido notícias de que alguns jogadores deparam com dificuldades na compreensão do novo Regulamento, que, em abono da verdade, teve apenas a preocupação do rigor e não a da «transparência», vamos apresentar três exemplos simples que ilustram, cremos, as três situações básicas descritas nos artigos 10, 13 e 14.

Exemplo 1

O jogador A de 1800 pontos defronta cinco adversários também já classificados. Estamos nas condições do art.º 10.

Advers.	Class. Pont.	Dif. Class. Pont.	% Esperada	Result.
B	1850	- 50	0,43	1
C	1780	20	0,53	1
D	1750	50	0,57	0,5
E	1880	- 80	0,39	0
F	1900	- 100	0,36	0
			2,28	2,5

Supondo que o jogador tem 30 anos e já conta 110 jogos classificados, obtemos pelo art.º 7 n.º 2 um K de 25 e do n.º 3 um K de 20. Prevalece o mais elevado daí que K=25.

A nova classificação pontual do jogador A será então $R_n = 1800 + 25(2,5 - 2,28) = 1805,5$. Arredondando (art.º 8) Obtemos $R_n = 1806$.

Se soubermos os coeficientes e os resultados de todos os jogadores facilmente obtemos também as suas novas classificações pontuais.

Exemplo 2

O jogador A, sem classificação pontual, pois disputa a sua primeira competição classificativa, defronta os mesmos cinco adversários. Dado que há 83,3% de jogadores já classificados o artigo 13 é aplicável.

Advers.	Class. Pont.	Result.
B	1850	1
C	1780	1
D	1750	0,5
E	1880	0
F	1900	0
		2,5

A percentagem realizada contra os jogadores já classificados (todos os outros, neste caso) foi de 50 %, pelo que a tabela II dá $D(p) = 0$. Obtem-se a pontuação de resultados do jogador A:

$$R_p = \frac{1850 + 1780 + 1750 + 1880 + 1900}{5} + 0 = 1832$$

Agora utilizamos $R_p = 1832$ como se fosse a classificação pontual inicial do jogador A. Daí que:

Dif. class. pont.	% esperada
- 18	0,47
52	0,57
82	0,61
- 48	0,43
- 68	0,41
	2,49

A classificação pontual do jogador A será (se tiver 30 anos) $R_s = 1832 + 30(2,5 - 2,49) = 1832,3$ ou seja 1832 pontos. Para o cálculo das classificações pontuais dos restantes jogadores, considera-se também que $R_0 = 1832$ para o jogador A.

Exemplo 3

Agora o jogador A, ainda não classificado, joga um torneio com mais cinco participantes, em que apenas três destes últimos são classificados. Dado que 50% dos jogadores têm uma classificação pontual, aplica-se o art.º 14:

Adversário	Class. Pont.	Result.
B	1850	1
C	?	0,5
D	1750	1
E	1880	0
F	?	0,5
		3

A percentagem feita por A, contra os jogadores já classificados, é de 66,7% pelo que $D(p) = 122,6$, por intercalação linear.

A classificação pontual média da competição será $R_a = \frac{1850 + 1750 + 1880}{3}$

$$- \frac{6-1}{6 \times 5} (122,6 - 366 + 122,6) = 1846,8 \text{ se}$$

C tiver feito 10% contra os jogadores já classificados (donde o seu $D(p) = -366$) e se F tiver feito 66,7%.

Obtem-se agora a pontuação de resultados do jogador A:

$$R_p = 1846,8 + 72 \times \frac{5}{6} = 1906,8$$

O número 72 é tirado da tabela II, tendo em consideração que ele fez 60% da pontuação possível.

Identicamente acharíamos $R_p = 1786,8$ para C, se este tivesse feito 50% dos pontos em disputa.

Então, para o jogador A

Dif. class. pont.	% esperada
56,8	0,58
120	0,66
156,8	0,71
26,8	0,54
60	0,58
	3,07

Se o jogador tiver 30 anos a sua classificação pontual é $R_n = 1906,8 + 30(3 - 3,07) = 1904,7$ ou seja 1905 pontos.

Será muito complicado? Talvez, mas julgo que se praticarem estes e outros exemplos perceberão a mecânica. Eu, para falar francamente já ouvi dizer que isto é um pouco sofisticado demais para o nosso nível de desenvolvimento, mas, afinal, quem vai fazer os cálculos é uma máquina... americana.

VICTOR SILVA

Os novos sucessos de Anatoly Karpov

O dia 10 de Fevereiro de 1978 ficará memorável na vida de Anatoly Karpov, campeão mundial de Xadrez. No momento em que ele defendia a sua tese de licenciatura na Faculdade de Economia da Universidade de Leninegrado, a rádio anunciava que lhe tinha sido atribuído, pela quinta vez consecutiva, o «Óscar de Xadrez».

Quando, há alguns anos, perguntaram a Anatoly Karpov porque é que tinha escolhido o curso de Economia, e se esta escolha estaria de alguma maneira relacionada com o xadrez, a sua resposta foi:

— Estas duas esferas de actividade implica uma lógica estrita; é este o principal ponto de convergência entre a Economia e o Xadrez.

O conteúdo da sua tese de licenciatura, assim como as respostas dadas por Anatoly ao júri confirmaram esta opinião. Um dos capítulos do trabalho, intitulado «Os tempos livres e a sua importância económica num regime socialista», indica meios que permitam maximizar os tempos livres; o capítulo seguinte refere-se a uma utilização mais racional destes. À pergunta, um tanto inesperada de um dos arguentes desejando saber como é que o GM resolvia, na sua vida privada, este tipo de problemas, A. Karpov respondeu.

— Como me é muito difícil aumentar os meus tempos livres, tenho utilizá-los o mais racionalmente possível.

O diploma do campeão do mundo (como, de resto, a maior parte dos exames por ele realizados anteriormente) atribuiu a Karpov a melhor classificação possível: cinco (1). Podemos considerar como um equivalente a esta nota a estatueta de prata atribuída ao melhor jogador de xadrez do ano transacto. Antes de A. Karpov, o «Óscar de Xadrez» já tinha sido atribuído a Bent Larsen (Dinamarca) em 1967, a Boris Spassky (URSS) em 1968 e 1969, a Robert Fischer (EUA) em 1970, 1971 e 1972. O record atingido por Anatoly Karpov, ao receber o troféu cinco vezes consecutivas, de 1973 a 1977, é particularmente impressionante. se repararmos nos nomes que o precederam. O jovem de Leninegrado já tinha recebido o Óscar antes de atingir o lugar máximo do Xadrez mundial e, contrariamente aos seus antecessores, continua a conservá-lo simultaneamente com o título.

Anatoly Karpov participou no torneio internacional dos dezasseis GM, que começou em 26 de Fevereiro na pequena cidade jugoslava de Bugojno. Entre os par-



A. Karpov (foto cedida pela Novosti)

ticipantes encontravam-se, além do actual campeão do Mundo, os ex-campeões Boris Spassky e Mikhail Tal, Yuri Balashov e quase toda a fina flor do mundo do Xadrez: Lajos Portish (Hungria), Bent Larsen (Dinamarca), Vlastimil Hort (Checoslováquia), Robert Hübner (RFA), Ljubomir Ljubojevic (Jugoslávia), Anthony Miles (Inglaterra), Jan Timman (Países Baixos) e ainda outros (2). A. Karpov confessou que os seus fins neste torneio foram sobretudo criadores, embora nunca renuncie à possibilidade de se impor, mesmo em vésperas de uma prova tão importante como o match para o título mundial.

A disputa entre A. Karpov e Viktor Korchnoi terá lugar este ano em Baguio, nas Filipinas. Tive oportunidade de assistir à final do torneio de candidatos, onde reinava à volta do tabuleiro um clima de nervosismo criado, por vezes deliberadamente, por V. Korchnoi. É muito provável que o match para o título mundial seja disputado sob uma atmosfera psicológica ainda mais tensa. De qualquer modo, o

futuro adversário do campeão faz os possíveis por criá-la. A. Karpov, por seu lado, continua imperturbável: seguro da sua perícia xadrezística, que é de facto invulgar, e com a qual conta, ele dispensa como é costume as declarações belicosas e bombásticas. Não foi por acaso que, no último Congresso da FIDE, um membro do seu Secretariado, o americano Edmonson, classificou Anatoly como um cavaleiro.

No mesmo Congresso, que teve lugar em Caracas, foi aprovado um novo regulamento para o match do título mundial, o qual será disputado sem número limite de partidas, até que um dos adversários obtenha seis vitórias. A confiança na sua força e a calma favorecem a preparação de A. Karpov para um match de longa duração. O campeão não só desenvolve todos os dias a sua mestria xadrezística, mas também cuida da sua preparação física, que melhora constantemente. Joga basquetebol e badminton, faz esquí, mas é sobretudo na natação que os seus sucessos são mais importantes. O GM Y. Balashov, seu colega, que terminou um curso de xadrez no Instituto de Educação Física, afirma: «Anatoly está perfeitamente preparado para se submeter a todas as provas desportivas do nosso Instituto».

Sem esperar que o campeão do mundo defenda o seu título, os futuros «challengers» preparam-se já para disputar os torneios zonais. Os jogadores de Xadrez soviéticos constituem uma zona única (n.º 4) da FIDE, e enviam aos torneios interzonais os cinco primeiros do seu torneio, que teve início em Lvov, onde dezasseis dos melhores soviéticos tentarão ser um desses cinco (além, é evidente de Karpov, Spassky, Polugaevski e Petrosian, que participam no torneio interzonal por direito próprio). Mikhail Tal, Vassili Smilov e Efim Geller, jogadores experimentados, e um grupo de jovens «comandados» por Boris Gulko e Iossif Dorfman são os que neste momento mais expectativa despertam. Estes dois últimos ocuparam, ex-aequo, o 1.º lugar no recente Campeonato Nacional Soviético e, depois de terem empatado um match suplementar entre si, conquistaram o título de campeões da URSS (3). De notar também

Resultado do escrutínio para atribuição do «Óscar» (1)

1	A. Karpov	URSS	623
2	V. Korchnoi	—	619
3	O. Romanishin	URSS	433
4	M. Tal	URSS	383
5	A. Miles	Ing.	348
6	B. Larsen	Din.	340

(1) O apuramento refere-se a 55 votos representando 20 países.

que os vencedores do zonal de Lvov irão certamente fazer parte da lista de candidatos para a formação da equipa olímpica da URSS que irá disputar este outono a Taça Hamilton-Russel, na Argentina. Esta taça é entregue à equipa que vence o «Torneio das Nações», nome por que também é conhecida a Olimpíada de Xadrez; a equipa soviética já recebeu por doze vezes este troféu altamente honroso.

ALEXANDRE ROCHAL
(tradução de LEONOR PIRES)

- (1) N. da R. — Corresponde ao nosso vinte.
(2) Ver artigo inserido no presente número e ainda R. P. X. n.º 13.
(3) Ver R. P. X. n.º 11.

INTERNACIONAL

Torneio de Alicante

O grande mestre Beliavsky (URSS) venceu o V Torneio Internacional de Alicante perfazendo 100 % entre 14 participantes!

O torneio inseria-se na categoria 6 da FIDE (2390).

Classificação: 1.º Beliavsky 13; 2.º Ermenkov e Diesen 8; 4.º Damjanovic 7 ½; 5.º Medina 7; 6.º Vilela, Rodriguez, Rohde e Sanz 6 ½, etc.

Eis uma partida do vencedor:

SANZ-BELIAVSKY

Peão de Rei

1. e4 e5 2. Cc3 Cf6 3. g3 Bb4 4. Bg2 0-0 5. Cge2 c6 6. 0-0 d5 7. exd5 cxd5 8. d4 exd4 9. Cxd4 Cc6 10. Bg5 Be7 11. Te1 h6 12. Bf4 Bc5 13. Be3 Bb6 14. h3 Te8 15. Dd3 Ce5 16. Db5 Bxh3 17. Bxh3 Bxd4 18. Bg2 Bxe3 19. Txe3 a6 20. Dxb7 Tb8 21. Da7 d4 22. Td1 dxe3 23. Txd8 exf2+ 24. Dxf2 Tbx8 25. Be4 Ceg4 26. Df4 g5 27. Df3 Td2 28. b4 Rg7 29. a4 Cf2 0:1

A PROPÓSITO DE TBILISI

Ultramodernismo ou regresso ao romantismo?

Quem não aprecia de um modo muito especial as brilhantes partidas da escola romântica do século passado (ver RPX n.º 5)?

Que diferença fazem elas das impecáveis, frias e calculistas partidas de hoje, onde muitas vezes a imaginação e o génio só aparecem em finais, com meia dúzia de peças no tabuleiro!

Será influência de tudo o que existe publicado sobre teoria de aberturas, estratégia, tática e finais? Ou apenas um estado de espírito diferente nos xadrezistas actuais?

Há quem afirme que as partidas românticas, de rara beleza, só foram possíveis devido a um grande desnível entre alguns génios da época (Andersson, Steinitz, Morphy, etc.) e a maior parte dos jogadores, permitindo assim continuações espectaculares que hoje seriam evitadas por qualquer jogador de nome internacional.

Ora com ou sem desnível, foi com imensa satisfação que descobri três singulares miniaturas jogadas no torneio de Tbilisi, em 1977, em memória de Goglidze. Apesar de inspiradas na escola romântica, iniciam-se por aberturas ultramodernas, onde as ideias originais e os espantosos sacrifícios abundam.

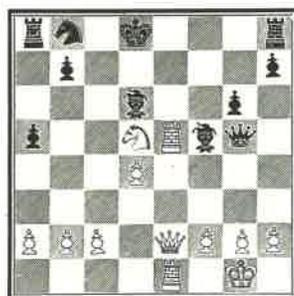
Ultramodernismo, regresso ao romantismo ou apenas uma agradável fuga ao estilo da moda? Vejamos as partidas:

MINAZAKANIAN-ALBURT

Defesa Alekhine

1. e4 Cf6 2. e5 Cd5 3. d4 d6 4. Cf3 g6 5. Cg5 f6 (mais seguro é 5... c6!, Keres) 6. exf6 exf6 7. Bc4 fxg5 (Boleslavsky indica a seguinte linha: 7... De7 8. Rd2 Bh6 9. Bxd5 Bxd5 10. Rc3 Rd8, com jogo confuso) 8. Bxd5 c6 9. Bb3 De7+ 10. Be3 a5? 11. 0-0 Df6 12. Te1 Rd8 (as negras «esqueceram-se» de de-

envolver as peças!) 13. Cc3 d5 14. Bxd5! cxd5 15. Cxd5 Df5 16. Bxg5+! (é preciso não dar um segundo às negras!) Dxg5 17. Te5 Bf5 18. De2 Bd6 19. Te1!



19... Bd3 (as entradas de torre em e8, de cavalo em b6 e de dama em b5 deixam o rei negro em redes de mate, e, se 19... Bxe5 20. Dxe5, ameaçando mate em c7 e a torre de h8) 20. Te8+ Rd7 21. De6+ Rc6 22. Txb8! 1:0 (se 22... Dxd5 23. Tc8+).

GURGENIDZE - BELLIN

Defesa Petroff

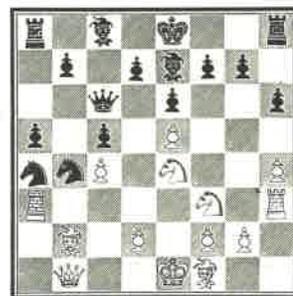
1. e4 e5 2. Cf3 Cf6 3. d4 Cxe4 4. Bd3 d5 5. Cxe5 Cd7 6. Cxf7! De7 (interessante é 6... Rxf7 7. Dh5+ Re7 8. De2 Rf7 9. Dh5+ Re7, e tentar agora 10. Dxd5!?, novidade) 7. De2! (conhecido era 7. Cxh8 Cc3 8. Rd2 Cxd1 9. Te1 Cxi2 10. Bxh7 — 10. Txe7? Bxe7 11. Bxh7 Bg5+ — Ce4 11. Bg6+ com xeque perpétuo, I. Zajcev - Karpov, URSS 1966) Rxf7 8. Dh5+ Rf6 9. 0-0 (que mal tem uma peça a menos se o monarca negro anda a navegar?) Df7 10. Dh4+ g5 11. Bxg5! Cxg5 12. f4 Re6 13. fxg5 Dg7 14. Cc3! Ce5 (desespero total) 15. Tf6+ Rd7 16. Taf1 Re8 17. Tf7 Dxf7 18. Txf7 Rxf7 19. g6+ Re6 20. De1+ 1:0. Que baile! Sete jogadas de sua majestade em vinte lances!

Por fim encontraram-se os dois românticos:

GURGENIDZE - MINAZAKANIAN

Dejesa siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 Cf6 3. e5 Cd5 4. Cc3 e6 5. Ce4 Cc6 (mais usual é 5. Cxd5 exd5 6. d4, etc.) 6. c4 Cb6 7. b4! (novidade teórica! Aqui Suetin jogou, em 1960, 7. d3 contra Mnazakanian, mas, segundo Boleslavsky, é melhor 7. b3!) Cxb4 8. Bb2 Be7 9. h4! h6 10. a4! (ameaçando 11. a5) a5 11. Ta3! Dc7 12. Th3!! Dc6 13. Db1! Cxa4.



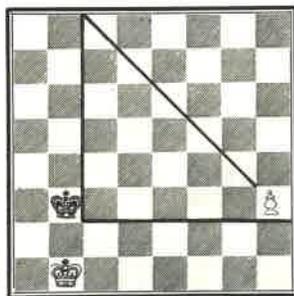
14. Ba1! Cb6 15. Be2 a4 16. Rf1 Ta5? (possivelmente para jogar 17... Ca8 e 18... Cc7) 17. Tg3 Rf8 18. Cd6!! Ta8 19. Cxf7! Tg8 1:0 (por exemplo: 20. Cxh6 gxh6 21. Txg8 Rxg8 22. Dg6+ Rf8 23. Cf3 para qualquer lado, seguido de Tf3+).

É claro que no referido torneio (16 participantes) os nossos artistas não ficaram lá muito bem classificados, mas empataram apenas quatro partidas cada (!), Gurgénidze em 8.º com 8 pontos, Mnazakanian em 12.º com 6. Os primeiros foram Georgadze e Holmov, com 11 pontos, seguidos de Alburt com 9 ½, Platxetka, A. Rodrigues e Ubilava, com 9.

LUIS SANTOS

Finais de peões

Vamos considerar 2 tipos de posições: posições em que o factor que predomina é a distância, existindo peões passados dificilmente segurados pelos reis e posições em que as manobras decisivas cabem aos reis.



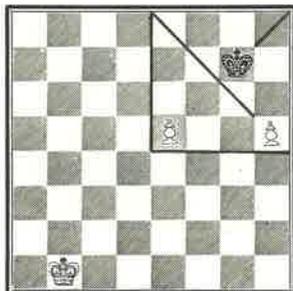
O peão tem o caminho livre à sua frente. O rei encontra-se impotente para o apoiar. As brancas ganham se o promovem. Empatam se o rei negro o alcança. Nestas situações encontrou-se uma regra simples e essencial dos finais de peões. *a regra do quadrado*, que enunciamos: para calcular, de maneira simples, se o rei negro alcança o peão, traçamos mentalmente a diagonal ocupada pelo peão, diagonal essa que pertence, neste caso, ao quadrado *h3, c3, c8, h8*. Se o rei negro ocupa ou pode ocupar uma casa do quadrado, apanha o peão; se não, o peão alcança impune a oitava casa. Um único cuidado: com o peão na segunda horizontal temos a considerar o quadrado formado pelo mesmo peão supondo-o na terceira, pois o peão pode, numa jogada, alcançar a quarta horizontal. O quadrado de um peão na segunda horizontal é o quadrado do mesmo peão quando na terceira..

Com dois peões, temos já a considerar um caso derivado da regra do quadrado, bastante útil na prática. Além do quadrado que referi, podemos falar do quadrado comum dos dois peões, do qual estes formam um lado. Por exemplo: com peões em

h3 e f3 temos um quadrado cujos vértices são *h3-f3-f5-h5*. O rei adversário tem, por regra, dificuldade em «comer» qualquer destes peões, pois tal significa abandonar o quadrado do outro permitindo-lhe o alcance da oitava fila.

A 1... Rf4 segue 2. h4, e a 1... Rh4, 2. f4, em qualquer dos casos com recuo forçado do rei negro.

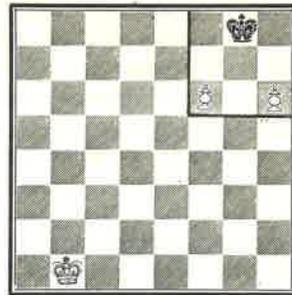
Os peões separados por duas casas são normalmente os mais débeis: com peões em *h3 e e3*, o rei pode jogar a *e4* e responder a *h4* com Rf5 e Rg4 Rxh4. A debilidade torna-se evidente: as casas que rodeiam os peões não estão controladas por eles mesmos, como no primeiro caso, e o espaço entre eles não é suficiente para enervar o rei negro. Este quadrado comum é variável (denominado errante) e acompanha qualquer avanço de peão. Quando atinge a oitava (o quadrado) é sinal de que os peões podem, por regra, conduzir-se à promoção sem necessitarem do apoio do rei.



1. e6 Rf6 2. h6 ou 1... Rh6 2. e6 Rg7 3. h6+

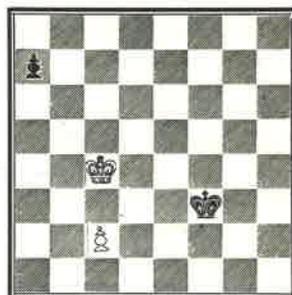
Existem excepções, como é natural. A mais típica representa-se no diagrama.

O rei negro captura qualquer peão que avance, donde, apesar de o quadrado comum atingir a oitava, os peões necessitam de apoio exterior. Note-se, ainda, que basta mover o rei, cedendo a jogada às negras, para estas perderem. Estão em *zugzwang*.



Com 1... Rh8 2. f7 ou 1... Rf8 2. h7, uma dama aparece.

Como regra geral temos: *os peões devem avançar unidos, alternando as jogadas, de modo a protegerem-se um ao outro*. Imaginemos agora que ambos os bandos têm peões passados. Os objectivos que se perseguem são, como é evidente, promover o seu próprio peão impedindo a promoção do contrário. Por vezes isto é impossível, mas existe a possibilidade de obrigar o rei adversário a colocar-se deficientemente.



As brancas têm motivos para desejar a vitória. O rei negro está deslocado em oposição ao branco, que luta nas duas frentes: apoio do peão e controle do peão adversário. Mas não é fácil. Com 1. Rb4, as negras defendem-se com 1... Re4! (mas não 1... Re3? 2. c4 Rd4 3. c5 Re5! — 3... Rd5 4. Rb5! ou 3... a5+ 4. Rb5 a4 5. c6 a3 6. c7 a2 7. c8D a1D 8. Dh8+ — 4. Ra5! Re6 5. Ra6! Rd5 6. Rb5 Re6 (ou Re5) 7. Rc6 a5 8. Rb7) 2. c4 Re5! 3. Rb5 Rd6! ou 3. c5 Re6! Não chega também 1. Rb5 Re4 2. c4 Rd5 3. Rb4 a5+ ou 3. c5 Rd5! e empatam. O rei branco tem, portanto, de se opor ao congénere, mas o peão a7 exige moderação. 1. Rd5? a5 2. c4 a4 ½-½. Só resta 1. Rd4! Rf4 2. c4 Rf5 3. Rd5 Rf6 (a 3... a5 4. c5 e promove-se com xeque) 4. Rd6 Rf7 (se agora a5, segue c5 a4 6. c6



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

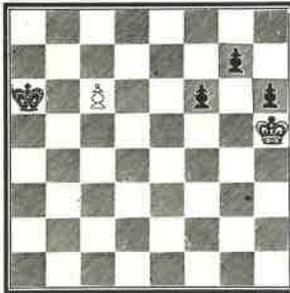


e o xeque em h8 é mortífero) 5. c5 Re8 6. Rc7 a5 7. c6 a4 8. Rb7, e as brancas ganham um tempo decisivo ao promoverem com xeque.

A veia artística de diversos jogadores foi, por diversas vezes, tentada por este tipo de posições. O caso mais flagrante foi Reti, que criou e originou com o seu exemplo a criação de diversos problemas magníficos que as focavam. O tema era: combinação da ameaça (pelo rei) ao peão adversário com o apoio ao avanço do próprio peão.



As brancas empatam. 1. Rg7 h4 (contra 1... Rb6 segue 2. Rf6 h4 3. Re5 — ameaçando com Rf4 ocupar o quadrado do peão — h3 4. Rd6 h2 5. c7 Rb7 6. Rd7) 2. Rf6 h3 (2... Rb6 3. Re5!) 3. Re7! (ou e6).



As brancas jogam e empatam

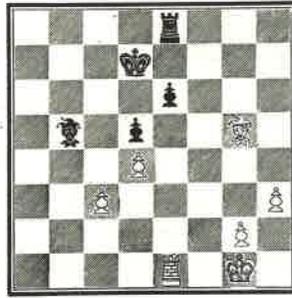
Solução do anterior: as brancas necessitam defender, desesperadamente, as duas casas-chave da posição. Cedendo em qualquer delas, o rei negro captura o seu último peão e promove um negro. Situado o rei negro em f1 ou f2, é impossível às brancas evitarem a derrota. Estas são as casas chave. Com 1. Rf1 as brancas perdem o jogo, pois após 1... Rd2 2. Rf2 Rd3 não conseguem manter a oposição (a casa f3 é inacessível). 3. Rg3 Re3 4. Rg2 Re2 5. Rg3 Rf1! 6. Rh3 Rf2 7. Rg4 Rg2.

Com 1. Rg3 Re1 2. Rg2 Re2 3. Rg3 Rf1 ou 1. Rf2 Rd2 2. Rf1 Re3 3. Rg2 Re2, as negras alcançam f1. Precisam, pois, de manter acessíveis as casas g3, g2 e g1, para responder respectivamente a Re3, Re2 e Re1 com Rg3, Rg2 e Rg1. O rei negro em d1, dispõe de e3 e e2; em d2, de e3, e2 e e1; e, em d1, de e2 e1. As brancas em h3 dispõem de g3 e g2; em h2, de g3, g2 e g1, e em h1, de g2 e g1. Jogam 1. Rh1! e mantêm a oposição lateral com Re1 2. Rg1 Re2 3. Rg2 Re3 4. Rg3 Rd3 5. Rh3! Rd2 6. Rh2! ½-½.

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS

SECÇÃO DE CONSULTA

P. — 1)



Gostaria de saber qual o plano ganhante para as brancas. Na partida jogou-se: 34. Te3! Tf8 35. h4 Th8 36. Tf3 Be2 37. Tf7+ Rc6 38. Rf2 Bh5 39. Tf6 Rd6 40. Th6? Txe6 41. Bxe6, acordando-se o empate no 55.º lance, pois eu não consegui passar os peões.

2) Na posição, B: Rh1, Df6, Td1, Bd6, Cc3, b2, b3, c2, e4, f4, g2, h2, N: Re8, Dh7, Tg8, Ba8, Ce7, a6, b5, c6, f7, g6, h7, a manobra 1. Bb4 e 2. Ba5, ameaçando Td8 é suficiente para ganhar?

Manuel P. C. Amorim — S. JOÃO DA MADEIRA

R - 1) Tomemos a posição que resulta do lance 39 das negras, é antes portanto,

de 40. Th6? É evidente que as brancas devem avançar o seu Pg2 a g4, seguido de h5, etc. para promoverem a um dos peões. Acresce que as negras não podem mobilizar o seu rei para a defesa pois a Tf6 corta-lhe o caminho e assim que os peões brancos se dispuseram em g4 e h5 as restantes peças negras estarão restringidas na sua acção. Não menos importante, a casa de promoção do Ph3 é da mesma cor do Bg5 pelo que este, instalado na grande diagonal (em e5 por exemplo), o poderá conveniente apoiar.

E um dos princípios fundamentais dos finais não é a possibilidade e quase obrigação de jogo activo por parte do rei?

Então 40. Re3 para 41. Rf4 e 42. g4 deve ganhar sem dificuldades de maior. Se 40... Tc8 um bom plano será 41. Th6 Be1 (41... Bg4 42. Bf4+ Re7 43. Tg6 41... Be8 42. Rd2 e 43. g4) 42. Rd2 Bg4 43. Bf4+ Re7 44. Tg6 Bf5? 45. Tg7+ Re8 46. g4.

R. - 2) Se 1. Bb4 então 1... Dc7 ameaçando 2... c5. Prefiro 1. e5 para continuar com Ce4 e 3. Cc5. Se 2... c5 3. Ce4 pois o cavalo não pode ser tomado.

VICTOR SILVA

SOLUÇÕES

COMBINAÇÕES

37 (BOGDA-FERREIRA). 1. Cf6+ 1:0, pois se 1... Cxf6 2. Td8++ ou se 1... gxf6 2. Dxe6+ fxe6 3. Bh5++.

38 (T. DUARTE-ALB. COSTA). 1. dxe6! Dxd1+ 2. Txd1 Txc5 3. e7! Tc2 4. Be4 (ameaçando 5. Bxe7+ e 5. Bxc2) 1:0

39 (TISDALL-SAX). 1... Da1+! 0:1. Se 2. Rh2 De5+ 3. Dg3 Dh5+ 4. Rg1 Td1+ 5. Bf1 Txf1+ 6. Dd1++.

ESTUDOS FINAIS

37 (W. e M. PLATOW). 1. f4 Bxe3 2. Be1+ Rg4 3. Bxe3+ Rxf4 4. Bd2+ Re5 5. Bc3+ Rd6 6. Bb4 Rc7 7. Ba5+. O rei não pode ir à grande diagonal branca por Bg2+. Empate.

38 (H. M. LOMMER). 1. Be4 Bd5 2. Bh1 Bxe3 3. Rc8 e 4. Ce7++. Não serve para as brancas 2. Bg2 Bxe3 3. Rc8 Bh3.

39 (RIIHIMAA). 1. g3 e4 2. c3 Rd8 3. c4 Rc8 4. c7 Rd7 5. c5 Rc8 6. c6 ganha. Se 4... Bb7 5. c5, etc.

PROBLEMAS

37 (BALDAQUE DA SILVA). Apresenta as letras Cl, significando Carlos I, rei de

Portugal, encimadas pelo escudo real. 1. De4 ameaça 2. Da4++. 1... Tf4 2. Txf4, etc.

38 (LUIS MASCARENHAS). Figura EL, iniciais de Emílio Loubet. O presidente francês esteve em Lisboa nos últimos anos da monarquia portuguesa, com grande teozijo dos republicanos, que davam vivas à República (francesa, noutro tom de voz), sem que pudesse intervir a Guarda Municipal. Este problema, tal como o anterior, é dessa época. Crê-se ter havido mesmo um concurso em homenagem aos dois chefes de Estado, embora se desconheçam pormenores. Solução: 1. Td5 (ameaça 2. Ce3++). Se 1... Rxd5 2. Ce7+ Rc4 3. Cd6++. 1... Bd5 2. Cd6+ Txd6 3. Cxd6++. 1... Cd1 2. d3+ Rxd5 3. Ce7++.

39 (LAZARD). As iniciais do campeão do mundo A. Alekhine. São dois problemas num só tabuleiro, aparentemente iguais, mas de soluções muito diferentes. Problema da esquerda: 1. Cd7 Rxa5 2. Rxc4 c5 3. Cb4 cxb4 4. axb4++; se 1... c5 2. Cb6 Rxa5 3. Cxc4+ Rb5 4. Cc7++. Problema da direita: 1. Be6 Rg6 2. Rg4 h3 3. Bh8 h2 4. Cxf4++.

O problema «simbólico»

Através do «desenho» das peças, representar, comemorar, homenagear, simplesmente lembra factos, pessoas, animais ou objectos, é a finalidade dos «problemas simbólicos».

Já a eles nos referimos ao apresentar o «Diamante Negro» (R.P.X. de Março).

Vimos hoje trazer alguns exemplos mais, e até mais característicos.

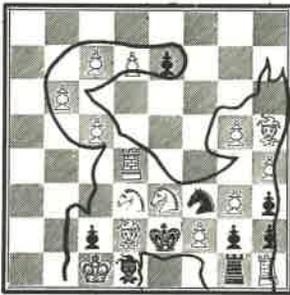
Os «Gatos de Kilkenn» são um bom exemplo, inclusivamente com conteúdo estratégico. Problema I e II.

As suas soluções merecem um estudo atento.

I

S. LOYD

«Texas Siftings», c. 1888



4++

Problema I — Ensaio: 1. c8C7 para seguir com 2. Cxe7, 3. Cd5 e 4. Cc3++.

Se 1... e6 2. Cd6, etc.

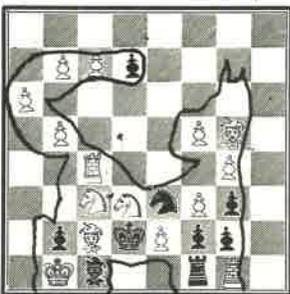
As pretas defendem-se deste ensaio por 1... Txb1 2. Cxe7 g1CII 3. Cd5 pate. Notar a Th1 imobilizada!

Solução: 1. Cf4+ Rxf2 2. Cxh3 3. Cf5+ Rxh3 4. Bg4++ ou 2... Re2 3. c8D e 4. Da6++. Notar que há uma coluna «livre» para a esquerda do problema.

II

S. LOYD

«Texas Siftings», c. 1888



4++

Problema II. Notar que a coluna «livre» está agora à direita do problema.

Ensaio: 1. Cc4+ Rxe2 2. Cxg3+ Rd2II 3. b8D?, mas falta uma casa à esquerda para a D dar mate ao lance imediato.

Solução: 1. b8C Txb1 2. Cxd7 f1C 3. Cc5; não há pate porque a T negra pode jogar. 4. Cb3++.

Dum «gato» para o outro o ensaio torna-se solução e vice-versal

Este par de posições é, pois, um caso de «problemas gémeos».

Consideram-se «gémeas» posições que diferem minimamente, neste caso translação numa coluna para a esquerda, mas pode ser a supressão ou aumento de uma ou duas peças ou a sua deslocação para outras posições.

As soluções têm que ser diferentes.

Na «Lenda diabólica» (RPX de Outubro/77), o problema em que a dama branca se «transforma» em dama negra é um caso de «gémeos». Na mesma «Lenda», o outro problema é um «simbólico transfigurativo», a figura aparece após a solução; o que sucede também na «Desforra de Satanás», continuação da «Lenda» (RPX de Novembro/77). Num caso a figura final é a «Cruz redentora», no outro o «Garfo do Diabo».

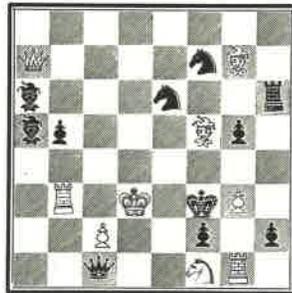
Um «simbólico figurativo» é o que se segue (problema III).

III

J. N. BABSON

1892

Deidcado a Samuel Loyd



Ver enunciado no texto

Figura letras, e logo na posição inicial se lê claramente o nome Loyd.

É um problema de soluções múltiplas, conforme o enunciado condicional: brancas e pretas, tendo o lance, dão ou sofrem mate, directo e inverso, em 2 lances.

É este um dos casos em que mais do que uma solução não constitui demolição do problema. Porque o problema é condicionado pelo enunciado.

As soluções são engenhosas, ou não fossem do grande Babson, o dos «Tours de Force».

Branças. Directo: 1. Da8+ Bb7 2. Dxb7++. Inverso: 1. Cxh2+ Txb2 2. De3+ Dxe3++.

«Gralhas»

As «gralhas» invadiram, nos últimos números da Revista, a habitual secção de Problemas.

Assim, no artigo *Jogo anti-dual* (RPX n.º 11), a terceira variante indicada no problema II é 1... Thh2 (e não Txf2). O problema IV, de Stocchi, saiu «ao espelho», e não foi esta a orientação do autor — reparem nos cavalos a «olharem» para a direita; mas para o analisar bastará o leitor considerar as colunas a/h da direita para a esquerda. Também aparece «peão branco na casa c3» — deve ser «peão bronco».

No artigo *O «Diamante Negro»* (RPX n.º 12), antes do diagrama I deverá ler-se «também se lhes chama *sarcófago*, mas a designação mais usada é a que foi dada pela primeira vez a uma composição de A. C. White». Do mesmo diagrama «fugiu» o cavalo branco que deveria estar em c8. Na 9.ª linha a contar do fim da crónica, a seguir a «Com uma excepção» devem existir dois pontos.

As nossas desculpas por tanta «gralha».

Pretas. Directo: 1. Dd1+ Cd2 2. Dxd2++. Inverso: 1. b4+ Dxa6 2. Dd2+ R/Rxd2++.

Para obter estes efeitos, claro que se não pode pôr qualquer reparo ao facto de as chaves serem de xeque e as variantes únicas.

A composição portuguesa do princípio do século deixou muito e alguns excelentes problemas «simbólicos».

No Portugal de então, o Xadrez concentrava-se em, ou quase se reduzia a Lisboa, praticado pela elite frequentadora do Grémio Literário.

O melhor jogador de então era António Pereira Machado, Secretário da Escola Politécnica de Lisboa, pai do nosso contemporâneo e inesquecível Dr. Mário Machado, também o mais forte jogador do seu tempo, campeão nacional crónico, analista e crítico de finais e problemas de renome internacional, infelizmente não compositor. Com ele aprendi as bases do que agora, com menos brilhantismo é certo, tento transmitir aos leitores.

Mas, voltando à composição dessa época, Baldaque da Silva, oficial da Marinha, poeta e escritor, era um dos mais entusiastas animadores da actividade xadrezística de então e um dos mais produtivos compositores até especialmente no ramo dos «simbólicos».

Veja-se o problema seguinte, n.º IV.

Aí estão as Ursas, a Maior e a Menor. Já vimos animais, letras formando nome, agora estrelas!

O cavalo em h8 figura a Estrela Polar. Solução: 1. Da4 C ou B movem 2. Dg4 mate curto.

PARTIDAS RECENTES

BALASHOV-DORFMAN

Lvov, Zonal 4

Inglesa

1. c4 Cf6 2. Cc3 c5 3. Cf3 d5 4. cxd5 Cxd5 5. d4 Cxc3 6. bxc3 g6 7. e3 Bg7 8. Bd3 0-0 9. 0-0 Da5 10. Bb2 cxd4 11. cxd4 Cc6 12. Cd2 Bf5 13. Cb3 Dd5 14. Ba3 Tfc8 15. Tc1 Bxd3 16. Dxd3 e6 17. Tfd1 Ca5 18. e4 Dh5 19. d5 Cc4 20. dxe6 Cxa3 21. Txc8+ Txc8 22. Dd7 Ta8 23. Dxf7+ Rh8 24. Td7 Be5 25. g3 1:0

KOCHIEV-SMISLOV

Leninegrado 1977

Caro-Kann

1. e4 c6 2. d3 d5 3. Cd2 g6 4. g3 Bg7 5. Bg2 e5 6. Cgf3 Ce7 7. 0-0 0-0 8. De2 Dc7 9. b3 d4 10. a4 Ca6 11. Ba3 c5 12. Cc4 Cc6 13. Ce1 Cab4 14. f4 exf4 15. gxf4 f5 16. e5 Be6 17. h4 De7 18. Cf3 h6 19. Df2 Tad8 20. Rh2 Cd5 21. Dg3 Ccb4 22. Tf2 Bf7 23. h5 Cxf4 24. hxg6 Cxg6 25. Te1 f4 26. Dg4 De6 27. Bh3 Dxg4 28. Bxg4 Bxc4 29. bxc4 Tfe8 30. e6 Te7 31. Bf5 Cf8 32. Bc1 Td6 33. Bxf4 Ta6 34. Tfe2 Ca2 35. Tg2 Cxe6 36. Bxh6 Rf8 37. Bxe6 Taxe6 38. Bxg7+ Re8 39. Txe6 Txe6 40. Be5 Cb4 1:0

BAGIRON-POLUGAEVSKY

Leninegrado 1977

Def-India

1. d4 Cf6 2. c4 c5 3. Cf3 cxd4 4. Cxd4 Cc6 5. Cc3 e6 6. e3 d5 7. cxd5 exd5 8. Be2 Bd6 9. 0-0 0-0 10. Bf3 Be5 11. Cxc6 bxc6 12. Bd2 Dd6 13. g3 Bh3 14. Bg2 Bxg2 15. Rxg2 c5 16. f4 Bxc3 17. Bxc3 Ce4 18. Df3 Tfe8 19. Tfd1 Db6 20. Tac1 Tad8 21. Tc2 d4 22. exd4 cxd4 23. Be1 Da6 24. Db3 h5 25. Dc4 Db7 26. Dc6 De7 27. Ba5 Td6 28. Dc7 De6 29. Dc4 Td5 30. Bb4 a5 31. Ba3 h4 32. Dc6 h3+ 33. Rg1 d3 34. Dxe6 Txe6 35. Tc8+ Rh7 36. f5 Tee5 37. Tc4 d2 38. b4 Cc3 0:1.

TARGAN-DZINDZGASHVILI

Hastings 1978

Nimzoíndia

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cc3 Bb4 4. e3 c5 5. Bd3 Cc6 6. Cf3 Bxc3 7. bxc3 d6 8. e4 e5 9. d5 Ce7 10. Ch4 h6 11. f4 Cg6 12. Cxg6 fxc6 13. 0-0 (13. fxe5? dxe5 14. Be3? b6 15. 0-0 0-0 16. a4? a5! 17. Tb1 Bd7 com vantagem das negras — Spassky - Fischer, 1972) 0-0 14. De1 (14. f5!) Bd7 15. Dg3 De8 16. f5 g5 17. Df3 Dh5 18. De3 a6 19. Bd2 b5 20. Ta6 bxc4 21. Be2 Df7 22. Bxc4 Bb5 23. Dd3 Tfb8 24. h3 Db7 25. Bc1 Bxc4 26. Dxc4 Db5 27. De2 Dxe2 28. Txe2 Tb1 29. Rf2 Tab8 30. Re3 T8b5 31. Rd3 Ta1 32. Tc2 c4+ 33. Re3 Tbb1 34. Te1 Ch5 35. Rd2 Cf4 36. Tg1 Cd3 37. g3 Rf7 38. Tf1 Re7

39. Tg1 Rd7 40. Tf1 a5 41. Tg1 Cc5 42. Te1 Cb3+! 43. axb3 cxb3 44. Tb2 Ta2 45. c4 a4! 46. Te3 Taxb2+ 47. Bxb2 Txb2+ 0:1

HORT-KAGAN

Hastings 1978

Moderna

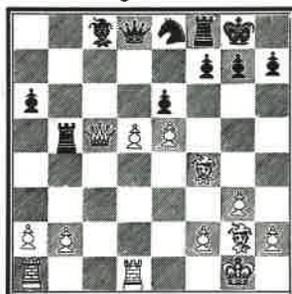
1. d4 g6 2. e4 Bg7 3. Cf3 d6 4. Bc4 c6 5. Cc3 e6?! 6. 0-0 b5 7. Bd3 Ce7 8. Bf4 h6 9. h4! a6 10. Dd2 Dc7 11. e5 d5 12. Ce2 c5?! (Embora não seja fácil achar um bom lance, não parece aconselhável

esta abertura do jogo ao melhor desenvolvimento branco. Que tal 12... a5, ideia de 13... Ba6 e um possível b4...?) 13. dxc5 Dxc5 14. a4 b4 15. Ced4 Cbc6 16. Tfe1 Bd7 17. Cb3 Da7 18. Be3 Db8 19. Bc5! a5 (19... Cxe5 20. Cxe5 Bxe5 21. Txe5 Dxe5 22. Bd4) 20. Bb5 Dd8 21. Bxc6 Cxc6 22. c3! bxc3 23. Dxc3 Bf8 24. Tac1 Be7 25. Cbd4 Cb4 (25... Bxh4 26. Cxh4 Dxh4 27. Cb5) 26. Bxe7 Dxe7 27. De3 Rf8 28. Tc7 Rg7 29. Df4 Thd8 (A ameaça era 30. Df6+, ganhando peça) 30. Te3 Rh7 31. Tec3 Df8 32. Ch2! h5 33. Chf3! Tac8 34. Df6 Ca6 35. Cg5+ Rg8 36. Txc8 Txc8 (36... Bxc8 37. Cxf7) 37. Txc8 Bxc8 38. Cc6 Da8 39. Ce7+ Rf8 1:0

PARA RESOLVER

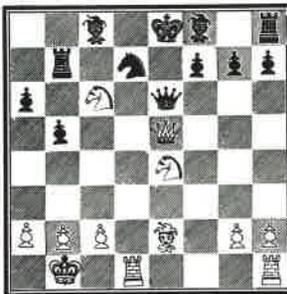
Combinações

37
BOGDA - FERREIRA
Paraguai 1976



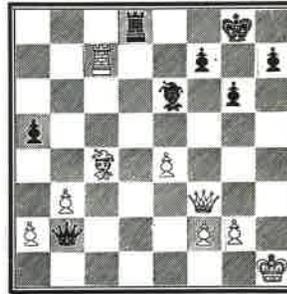
As brancas jogam e ganham

38
T. DUARTE - ALB.COSTA
Estoril 1977



As brancas jogam e ganham

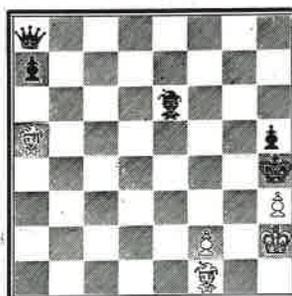
39
TISDALL - SAX
Hastings 1977/78



As pretas jogam e ganham

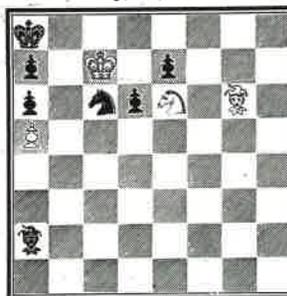
Estudos e Finais

37
W. e M. PLATOW



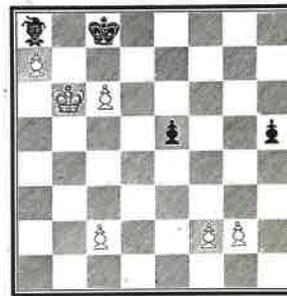
Empate

38
H. M. LOMMER
c. 1945



As brancas ganham

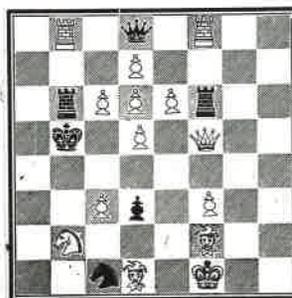
39
RIIHIMAA
«Suomen Shakkii» 1946/47
3.º prêmio



As brancas ganham

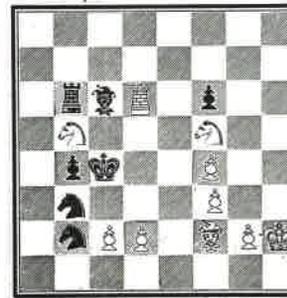
Problemas

37
BALDAQUE DA SILVA
Dedicado ao rei de Portugal,
D. Carlos I



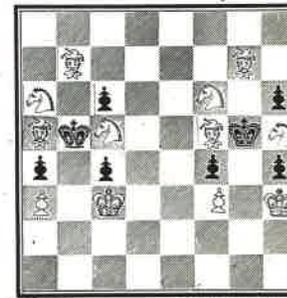
3++

38
LUÍS MASCARENHAS
Dedicado a Emílio Loubet,
pres. da República Francesa



3++

39
LAZARD
Dedicado a Alexandre
Alekhine



Mate em 4 em cada posição